

**UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO
CURSO DE JORNALISMO**

ANA GABRIELA VIANA ADRIANI

**RELATÓRIO DO PRODUTO MUDIÁTICO - GRANDE REPORTAGEM
EM TV: OITO ANOS APÓS A EPIDEMIA: A REALIDADE DEIXADA
PELO ZIKA VÍRUS**

**RIBEIRÃO PRETO
2023**

ANA GABRIELA VIANA ADRIANI

**RELATÓRIO DO PRODUTO MIDIÁTICO - GRANDE REPORTAGEM
EM TV: OITO ANOS APÓS A EPIDEMIA: A REALIDADE DEIXADA
PELO ZIKA VÍRUS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Universidade de Ribeirão Preto
UNAERP, como requisito para obtenção do
título de Bacharel em Jornalismo.

Orientação: Prof^a. Ms. Flávia Cortese Martelli.

**RIBEIRÃO PRETO
2023**

Ficha catalográfica preparada pelo Centro de Processamento
Técnico da Biblioteca Central da UNAERP

- Universidade de Ribeirão Preto -

A243o ADRIANI, Ana Gabriela Viana, 2002-
Oito anos após a epidemia: a realidade deixada pelo Zika Vírus /
Ana Gabriela Viana Adriani. – Ribeirão Preto, 2023.
66 f. : il. color.

Orientador: Prof.^a Me.^a Flávia Cortese Martelli.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade de
Ribeirão Preto, UNAERP, Jornalismo, 2023.

1. Microcefalia. 2. Zika Vírus. 3. Aedes Aegypti. 4. Epidemia –
Controle – Ribeirão Preto. II. Título.

CDD 070

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1. PRODUTO MUDIÁTICO.....	10
2. METODOLOGIA.....	11
3. DETALHAMENTO TÉCNICO.....	13
3.1 PÚBLICO-ALVO.....	14
3.2 ENTREVISTADOS.....	14
4. SINOPSE FINAL.....	15
5. ROTEIRO FINAL.....	16
6. CRONOGRAMA.....	22
7. RELATO DE PRODUÇÃO.....	22
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
9.REFERÊNCIAS.....	26
APÊNDICES.....	28
ANEXOS.....	53

RESUMO

ADRIANI, Ana Gabriela Viana; MARTELLI, Flávia Cortese. Grande Reportagem Em Tv: Oito Anos Após A Epidemia - A Realidade Deixada Pelo Zika Vírus. Universidade de Ribeirão Preto, 2023.

A doença causada pelo Zika vírus chegou ao Brasil em meados de 2013, por meio do mosquito *Aedes Aegypti*, mesmo transmissor da Dengue e da Chikungunya. Com a falta de saneamento básico adequado, o acúmulo de lixo nas ruas e sem apoio da saúde pública, a Dengue atingiu o seu ápice nos anos seguintes, e conseqüentemente houve um aumento também, no fim de 2015, da infestação pelo Zika vírus. Observou-se neste período que a infestação do Zika em mulheres durante o período gestacional estava associada a malformações do sistema nervoso central no nascimento dos bebês. Após alguns meses, foi evidenciado por meio de estudos que, as crianças nascidas nesse período estavam desenvolvendo a má formação congênita, devido a infecção das mães. Denominada então de microcefalia, a doença acometeu crianças também na região de Ribeirão Preto (SP), fazendo com que os bebês nascessem com o perímetro cefálico menor que o ideal. Diante desse cenário, esta pesquisa buscou por meio do levantamento bibliográfico conhecer primeiramente tudo sobre a doença e depois fazer um traçado sobre a realidade da doença em Ribeirão Preto e região. Foram reunidas reportagens da época da epidemia com levantamento do número de crianças nascidas com microcefalia em Ribeirão Preto e região. Depois, na pesquisa de campo, por meio da entrevista em profundidade semi-estruturada, foram entrevistados médicos especialistas e mães que foram acometidas pela infecção do Zika vírus e os filhos nasceram com microcefalia. O objetivo foi reunir todas essas informações em uma grande reportagem para o meio televisão, um produto midiático da área da ciência do jornalismo, e assim, poder resgatar e registrar o que ocorreu durante a epidemia de 2015 e retratar o que isso ocasionou na vida dessas mulheres.

Palavras-chaves: Microcefalia. Zika Vírus. Ribeirão Preto. *Aedes Aegypti*.

ABSTRACT

ADRIANI, Ana Gabriela Viana; MARTELLI, Flávia Cortese. Big Report on TV: Eight Years After the Epidemic - The Reality Left by the Zika Virus. University of Ribeirão Preto, 2023.

The disease caused by the Zika virus arrived in Brazil in mid-2013, through the *Aedes Aegypti* mosquito, the same transmitter of Dengue and Chikungunya. With the lack of adequate basic sanitation, the accumulation of rubbish on the streets and no public health support, Dengue reached its peak in the following years, and consequently there was also an increase, at the end of 2015, in Zika virus infestation. It was observed during this period that Zika infestation in women during the gestational period was associated with malformations of the central nervous system at the birth of babies. After a few months, it was evidenced through studies that children born during this period were developing congenital malformations, due to their mothers' infection. Then called microcephaly, the disease also affected children in the region of Ribeirão Preto (SP), causing babies to be born with a smaller than ideal head circumference. Given this scenario, this research sought, through bibliographical research, to first learn everything about the disease and then outline the reality of the disease in Ribeirão Preto and the region. Reports from the time of the epidemic were gathered with a survey of the number of children born with microcephaly in Ribeirão Preto and the region. Then, in field research, through semi-structured in-depth interviews, specialist doctors and mothers who were affected by the Zika virus infection and whose children were born with microcephaly were interviewed. The objective was to bring together all this information in a large report for television, a media product in the field of journalism science, and thus be able to rescue and record what happened during the 2015 epidemic and portray what this caused in the lives of these people. women. It is possible to verify that the interviewees had and still have little medical assistance and support in caring for their children affected by microcephaly.

Keywords: Microcephaly. Zika virus. Ribeirão Preto. *Aedes Aegypti*.

INTRODUÇÃO

A microcefalia pelo *Zika Vírus* foi uma doença que acometeu crianças na cidade de Ribeirão Preto entre os anos de 2015 e 2016. Devido a esse surto, grande parte das mulheres que estavam no período gestacional e foram picadas pelo *Zika Vírus*, descobriram que seus filhos nasceriam com a doença.

A microcefalia é uma má formação congênita, onde o cérebro da criança não se desenvolve da forma como deveria, fazendo com que o perímetro cefálico seja menor que 32 centímetros. Com os altos índices da doença em um certo período e em lugares próximos, começaram a se desenvolver estudos para entender qual a relação da doença e como ela atingiu tantas crianças que se encontravam ainda na barriga de suas mães. Deste modo, o *Zika Vírus* foi encontrado no tecido nervoso de um recém-nascido, evidenciando a contração desse vírus com a doença.

Com os grandes riscos que uma criança com microcefalia apresenta e a alta necessidade de um tratamento rigoroso e de extrema importância o Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto, foi um dos precursores em abrir uma ala para realizar o tratamento dessas crianças, fazendo o acompanhamento diário com uma equipe de profissionais capacitados, a fim de proporcionar uma melhor qualidade de vida a esses bebês. No entanto, após alguns anos a doença não foi mais encontrada com tanta facilidade em recém-nascidos, fazendo com que o surto de microcefalia acabasse, assim o hospital fechou a ala e passou a encaminhar as crianças para realizar tratamentos pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e em organizações como a APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais Ribeirão Preto, deixando mães e filhos sem o suporte adequado.

Devido a gravidade e seriedade da doença, a realidade vivida pelas mães dessas crianças passou a ser ainda mais difícil, já que além de lidar com o trauma de ter um filho especial, muitas delas tiveram que abdicar de suas vidas como mulheres para dedicar todo o seu tempo aos cuidados da criança, e sem o apoio devido da área da saúde essas mulheres enfrentam desafios diários para manterem suas famílias, conseguirem trabalhos e dar uma vida digna aos outros filhos.

Mesmo após oito anos da epidemia, essas famílias ainda sofrem com a falta de qualidade e expectativa de vida dessas crianças, já que ao longo desses anos algumas já vieram a óbito. O

objetivo principal da grande reportagem, é mostrar e analisar como vivem essas crianças hoje em dia, traçando uma linha do tempo que visa entender como era o cenário de Ribeirão Preto antes do surto e como esse panorama, em termos de saúde pública, foi propício para a situação da época. A ideia é fazer uma comparação com a realidade atual na cidade, já que de janeiro a abril de 2023, foram registrados 3.857 casos de dengue, sendo cem casos a mais que o primeiro quadrimestre de 2022, com alta de 2,66%. Realidade que chama atenção, já que um dos fatores foram os recordes de chuvas que ocorreram no município durante a estação do verão e início do outono. Desta forma, surge o alerta e a preocupação de um novo surto da doença, com o surgimento de novos criadouros do mosquito *Aedes aegypti*, que além da dengue, é vetor do *Zika Vírus* e das Febres *Chikungunya* e Amarela.

Passados esses anos a microcefalia ainda continua sendo uma doença misteriosa, já que ela pode ser diagnosticada também por outros meios, como explica Oliveira *et al* (2018):

Apesar de a principal via de transmissão do vírus ser por vetores, há evidências na literatura científica de que a transmissão pode ser feita também por via sexual, perinatal e transfusional (7). Ainda que a doença apresente-se de forma aparentemente benigna, atualmente quadros mais severos com o comprometimento do sistema nervoso em fetos de mães acometidas tem sido confirmados e registrados, em especial no Brasil, o que demonstra ainda pouco conhecimento sobre essa ocorrência e a vulnerabilidade dessa patologia. (Oliveira *et al*, 2018, n.p)

Por meio de uma pesquisa exploratória e entrevistas semi-estruturadas, a grande reportagem tem como proposta contar a história dessas famílias que vivem em Ribeirão Preto. Além disso, pretende-se revelar a falta de dados que já havia durante o surto da doença e que ainda ocorre. Busca-se ainda mostrar os novos estudos sobre o surto da doença na cidade, que hoje não se tem mais informações veiculadas nas mídias e em novos trabalhos científicos. E assim, mostrar para a população qual é a realidade que se encontrava na época, e a que é vivenciada hoje, com a falta de investimento em saúde pública. O propósito é fazer um alerta, caso haja um novo surto epidemiológico, já que a população de Ribeirão Preto e todo o restante do país, ainda se recupera das sequelas deixadas pela pandemia da Covid-19.

Há constantes desafios na vida dessas famílias, além de novas adaptações na rotina diária, e o principal deles vem do aspecto emocional.

A presença de um filho com deficiência na vida da mãe e da família pode alterar rotinas e estilos, por ser um acontecimento novo. Também pode ser percebida como uma situação nova, traumática, difícil, sofrida, provocando conflitos internos e desenvolvendo sentimentos semelhantes aos vivenciados

em um processo de luto. Neste sentido, a superação da notícia sobre a deficiência do filho é um dos primeiros desafios a serem enfrentados pelos pais de uma criança com deficiência. (Oliveira *et al.*, 2018, n.p)

Deste modo, a grande reportagem tem o compromisso de levar mais informações sobre a doença para a população, além de realizar um alerta aos órgãos de saúde do município. Sendo desenvolvido por meio da linguagem visual e coloquial, a proposta é chamar a atenção do público, fazendo com que os próprios busquem entender a verdade sobre aquele determinado fato, construindo sua própria estrutura de pensamento e referências. Com o propósito de não repassar integralmente a verdade acerca do tema, a grande reportagem faz uma análise e entrega ao público as informações obtidas por meio dos relatos de especialistas e das fontes.

Este trabalho reflete a realidade vivida por mulheres que, devido a uma falha nos programas governamentais de saúde pública, passaram a se dedicar integralmente aos filhos com microcefalia. Nesse viés, a grande-reportagem irá evidenciar como foi o surto do *Zika vírus* em Ribeirão Preto, analisando e repercutindo as informações obtidas por meios dos depoimentos das mães, que mesmo após oito anos, enfrentam dificuldades na criação dos filhos, principalmente dependendo exclusivamente do Sistema Único de Saúde. Assim, além de enfatizar a realidade que antecedeu a epidemia do vírus na época e explorar as possíveis chances de um novo surto nos próximos anos, o trabalho expõe a falta de dados sobre o alcance da doença na região entre os anos de 2015 e 2016.

A microcefalia é uma má formação congênita, que acomete crianças ainda no período gestacional, com isso o cérebro do bebê não consegue se desenvolver cem por cento, fazendo com que o perímetro cefálico seja inferior a 32 centímetros. Segundo os registros do Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (Sinasc), entre os anos de 2010 e 2019 foram registrados 6.267 casos de microcefalia ao nascimento, resultando em uma porcentagem de 2,15 casos a cada 10.000 nascidos vivos.

Contudo, entre os anos de 2015 e 2017, o Brasil sofreu uma emergência de Saúde Pública, que alavancou os casos de microcefalia em várias regiões do país, isso aconteceu, pois, a doença foi associada a epidemia do *Zika Vírus*. A doença é transmitida pelo mosquito *Aedes aegypti*, que é o mesmo vetor do vírus da dengue, a diferença ocorre no modo de transmissão do vírus, já que no caso do *Zika Vírus*, a infecção acontece quando a fêmea do inseto pica uma pessoa com o vírus e depois se alimenta do sangue de outra que não contém o vírus. Deste modo, quando o vírus *Zika*, infecta uma gestante, ele é capaz de causar uma série de anomalias congênitas no feto que está em desenvolvimento, dentre as quais a microcefalia.

Assim foi constatado que durante o período do surto epidemiológico da doença, foram registrados 4.595 nascidos vivos com esta malformação congênita. A região que registrou as maiores prevalências, entre 2015 e 2016 foi a Nordeste, sendo cerca de 14,00 a cada 10 mil nascidos vivos, porém a partir do ano de 2017, a região Sudeste foi quem passou a se destacar, tendo 1,92 a cada 10 mil nascidos vivos.

Em Ribeirão Preto o primeiro caso suspeito de microcefalia aconteceu em maio de 2016, mas no mês de junho o Hospital das Clínicas da USP de Ribeirão Preto, já havia confirmado outros oito casos da doença, na época cerca de 142 gestantes, que estavam infectadas pelo mosquito *Aedes aegypti*, estavam sendo acompanhadas pela instituição. Entre os meses de janeiro a dezembro de 2010, de 6.174 nascidos, cerca de 2,5% apresentaram a microcefalia.

Segundo Boletim Epidemiológico da Secretaria Municipal da Saúde de fevereiro de 2018, com relação à microcefalia, em 2016 tiveram 34 suspeitas e 16 confirmações. Já segundo a pesquisa desenvolvida pelo Núcleo de Estudos sobre Infecção Materna, Perinatal e Infantil do HC (Neimpi) sobre o impacto do vírus em bebês, dos 288 bebês expostos ao zika vírus durante a gestação em acompanhamento no HC, 40 deles foram diagnosticados com microcefalia.

Com a falta de dados concretos sobre a doença e o alto índice que ela alcançou entre os anos de 2015 e 2016, a grande reportagem tem como objetivo principal abordar a realidade vivida pelas mães de crianças nascida na época, a fim de salientar a importância de a população conhecer uma doença atual e misteriosa que acometeu os recém-nascidos de Ribeirão Preto e região. Contudo, a reportagem analisa os passos que antecederam o surto da doença, como a epidemia de dengue que estava em alta durante esse período, e assim tentar explicar o mistério presente tanto na motivação do surto, quanto no modo como demandado o tratamento e diagnósticos dessas crianças, já que a falta de dados e estudos sobre os casos permanece ainda sem explicação, mesmo após oito anos da epidemia na cidade.

Ademais, o produto ilustra por meio dos depoimentos das próprias mães a dificuldade que o vírus deixou na vida dessas crianças, que ainda hoje permanecem sem uma expectativa de vida longa, além de ressaltar a dificuldade que muitas mães enfrentam ao ter que abdicar de suas vidas, como mulheres, para destinar todo o seu tempo aos filhos, sem ter a possibilidade de trabalhar, estudar e até de manter um relacionamento afetivo, devido ao excesso de cansaço, falta de tempo e comprometimento da saúde mental.

1 PRODUTO MIDIÁTICO

A escolha do documentário em formato de grande reportagem, como o produto para ser utilizado neste trabalho, deve-se a forma como ele é capaz de levar a informação de forma rápida e impactar a população atual. Segundo Paternostro, há vários ingredientes que fazem com que a reportagem de TV saia dos padrões já estabelecidos, o texto e a conduta das informações das notícias são alguns deles, mas tudo depende principalmente do olhar do próprio profissional.

A esses ingredientes devemos acrescentar algo que muitas vezes está no próprio jornalista: a emoção. Na prática do trabalho com a imagem, a sensibilidade também se desenvolve. Juntar a imagem, emoção e informação são uma boa saída para transmitir a notícia com a qualidade ideal. E, assim, cada um que escreve para a TV deve ainda encontrar um estilo próprio, pessoal, intransferível, de forma a se destacar do estilo padronizado que encontramos na televisão brasileira (Paternostro, 2006, p 73).

Outra questão, é o avanço tecnológico e a era digital presente no dia a dia da população, já que as pessoas passaram a buscar cada vez mais conteúdos voltados ao audiovisual, e isso tornou-se ainda mais evidente com a chegada da pandemia.

Segundo dados da Akamai, provedora de entrega de conteúdos virtuais, foi constatado um aumento de 50% do tráfego de internet em plataformas de streaming. De acordo com a HubSpot, 78% das pessoas veem vídeos semanalmente e 55% assistem a conteúdos audiovisuais diariamente.

É importante ressaltar que ao se tratar de um produto televisivo, deve-se observar as características que proporcionam realidade ao trabalho, para que ele seja construído fora dos parâmetros ficcionais existentes no mercado, por isso a narrativa e a conduta do repórter/narrador se tornam essenciais para conduzir a estrutura do produto abordado, como fator importante da grande-reportagem esse cuidado deve estar presente principalmente no momento de evidenciar um relato. "Não estamos diante de uma mera documentação, mas sim de um processo ativo de fabricação, não de objetos físicos, mas sim de valores e significados, conceitos e orientações para o ambiente que nos cerca" (John Berger *apud* Penafria, 1999).

Contudo, a grande-reportagem se difere do documentário ao realizar uma busca por uma conduta imparcial, tendo como foco contar a histórias das fontes em questão, nesse sentido ela busca trazer ainda mais informações e dados para concretizar e evidenciar as falas dos próprios entrevistados. Segundo a definição do jornalista Nilson Lage:

A reportagem é a exposição que combina interesse do assunto com o maior número possível de dados, formando um todo compreensível e abrangente(...) Compreende desde a simples complementação de uma notícia – uma expansão que situa o fato em suas relações mais óbvias com outros fatos antecedentes, conseqüentes ou correlatos (Lage. 2006, p 76).

Nesse viés, a grande reportagem foi dividida em três blocos, onde cada temática é composta de uma questão problema, sendo assim ela apresenta uma linha do tempo que tem início no nascimento das crianças e na reação das famílias ao descobrir a gravidade da doença desenvolvida pelos bebês. Esta etapa é narrada e contada por meio dos relatos das próprias mães, juntamente com o texto em off do repórter.

Em seguida, o projeto tem como objetivo explicar de fato o que é a microcefalia e como ela compromete toda a parte neurológica das crianças, evidenciando por meio de dados e explicações médicas comprovadas, como é o funcionamento da parte cerebral de uma criança afetada.

O produto é responsável por mostrar as dificuldades e necessidades que as famílias enfrentam e quais as redes de apoio que permaneceram, desde o surto da doença em Ribeirão Preto.

Por fim, a grande reportagem se consolida deixando uma reflexão aos profissionais da saúde, familiares, governantes e população em geral, sobre a luta e o sofrimento enfrentado todos os dias por essas mães e filhos.

Com isso, a grande reportagem busca cumprir seu objetivo de revelar a realidade e os desafios vividos por mulheres que se tornam mães de crianças com microcefalia por meio da captação de imagens, texto narrativo do repórter/pesquisador e entrevistas com especialistas da área da saúde e mães.

2 METODOLOGIA

Na primeira fase da pesquisa, foram utilizadas a metodologia de pesquisa bibliográfica, a fim de analisar e rever todos os conteúdos e informações que existem hoje sobre o tema que foi abordado ao longo do trabalho. O principal foco do estudo bibliográfico é esclarecer e aprimorar o conhecimento acerca do assunto proposto, por isso ele é recorrente em pesquisas acadêmicas, como explica Andrade (2010, p. 25).

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. (Andrade, 2010, p. 25)

Assim, o trabalho desenvolvido por meio da pesquisa bibliográfica, torna o problema ainda mais explícito referente aos meios teóricos, mas também relativo, sendo capaz de oscilar entre a emoção dos relatos e a realidade descrita nas entrevistas.

Outro método que utilizado na grande reportagem, são os relatos das fontes envolvidas diretamente na temática, juntamente com profissionais capacitados para explicar sobre a abordagem, para isso, foram utilizadas como recursos metodológicos as entrevistas em profundidade semi-estruturadas, com o objetivo de não seguir um padrão de perguntas e respostas, e sim deixar o entrevistado livre durante as entrevistas, como explica Manzini (1990).

Na entrevista semi-estrutura, a resposta não está condicionada a uma padronização de alternativas formuladas pelo pesquisador, como ocorre na entrevista com dinâmica rígida. Geralmente, a entrevista semi-estruturada está focalizada em um objetivo sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes, às circunstâncias momentâneas à entrevista. O uso de gravador é comum a este tipo de entrevista. É mais adequada quando desejamos que as informações coletadas sejam fruto de associações que o entrevistado faz, emergindo, assim, de forma mais livre. (Manzini, 1990/1991, p. 154).

Para consolidar todo o conteúdo apresentado foram implementados os parâmetros encontrados no modo de pesquisa exploratória, a fim de enfatizar e priorizar o objetivo do trabalho. Já que ela se baseia no modo onde o pesquisador se aproxima ainda mais do seu objeto de estudo, preenchendo as lacunas que vão surgindo ao longo da pesquisa, colaborando para a explicação e obtenção de novos ou antigos fenômenos já propostos.

Deste modo, a pesquisa foi embasada no modo qualitativo, a fim de refletir e criar conclusões por meio das informações obtidas nos dados encontrados sobre o tema e nos expostos durante as entrevistas, como por exemplo, a quantidade de crianças nascidas durante os anos de 2015 e 2016 na região de Ribeirão Preto. Com objetivo de extrair respostas ou indícios para as questões tratadas, sendo capazes de sofrer variações de acordo com as constantes interpretações do público alcançado.

3 DETALHAMENTO TÉCNICO

O trabalho foi desenvolvido por meio de um documentário produzido em formato de grande reportagem, tendo como molde entrevistas realizadas de forma presencial, com a utilização de dois tipos de câmeras, sendo a primeira uma *Canon EOS 5D Mark III* e a segunda um *Canon T5I*, que foram enquadradas em dois formatos diferentes, um plano americano e outro plano fechado. Toda a pesquisa desenvolvida foi transformada em um produto midiático em formato de vídeo.

O tema proposto segue uma linha editorial que visa contar a história das famílias de crianças com microcefalia, por meio dos relatos das próprias mães e com textos em off e passagens do repórter. Assim, o público-alvo consegue visualizar e entender melhor o fato, além de compreender como vivem hoje essas crianças.

O produto tem duração mínima de quinze minutos e máxima de trinta minutos, sendo dividido em três blocos. O primeiro tem o objetivo de contextualizar a doença, que neste caso é a microcefalia, e como ela atingiu a população de mulheres grávidas na região, ou seja, a primeira parte tem um enfoque maior em apresentar para o público o que de fato é a doença, como aconteceu o surto epidemiológico e como começou a luta dessas mães após o diagnóstico dos filhos, apresentando então cada uma das fontes.

O segundo bloco, é composto de entrevistas com um médico e com a coordenadora da APAE, a fim de explicar como é a vida e a adaptação dessas crianças em sua rotina diária, e como é a relação delas com as suas mães e outros familiares. Estas entrevistas são compostas de textos em off e passagens do repórter, sendo o momento da reportagem onde o noticiário aparece de forma integral no vídeo, trazendo uma informação de grande relevância ou um dado significativo para o contexto da matéria, assim a grande reportagem traçar uma linha do tempo relembrando situações cotidianas que ocorreram desde o nascimento até os dias atuais.

Já a terceira e última parte, tem como objetivo principal contextualizar a realidade que antecedeu o surto do vírus na época, com a realidade vivida hoje, já que em certos parâmetros, podemos encontrar grande situações semelhantes, como o aumento dos casos de dengue. Além de água e sujeira acumulada em casas e terrenos abandonados pela cidade.

Assim, o trabalho analisa o motivo de não se ter ainda dados concretos do surto que ocorreu na cidade, e compreender o porquê desse fato ser tratado como um mistério até os dias atuais, já que por meio da mídia regional e dos órgãos de saúde do município não se encontram

informações sobre o acontecido. Por fim, reivindicar novos programas e incentivos para um investimento mais eficaz na vida dessas crianças e famílias.

A grande reportagem é composta de uma linguagem coloquial para que o público entenda todo o conteúdo que será abordado, mesmo com a utilização de termos técnicos presentes nas explicações por parte dos profissionais da área da saúde. Para que haja uma maior compreensão acerca do tema, a grande reportagem é totalmente ilustrativa, onde foi vinculado dados referentes ao surto, imagens do processo de contaminação por parte do mosquito, takes da rotina das crianças em casa, além de sobes sons para trazer ainda mais a aproximação do público com o tema proposto. O foco principal da grande reportagem, é trazer uma abordagem social, com o objetivo de fazer com que a população entenda e se sensibilize com as histórias que serão contadas, e desta forma, realizar processos de conscientização, a fim de promover um alerta para que não ocorra a possibilidade de um novo surto epidemiológico.

3.1 PÚBLICO-ALVO

O produto audiovisual está conquistando cada vez mais a população, com a existência e consistência tomada pelas redes sociais, as pessoas estão migrando de produtos escritos para área visual. A grande reportagem tem como principal foco alcançar públicos que se identifiquem com as histórias contadas, como famílias que enfrentam dificuldades para lidar com a microcefalia ou com diagnósticos parecidos, profissionais da saúde, que possam usar os seus conhecimentos para informar melhor a sociedade, órgãos públicos, para que sejam criadas outras formas de auxílios a essas famílias, e melhorias no combate à dengue adentrando meio de alavancar a saúde pública na cidade.

Contudo, o produto tem como finalidade trazer a comoção e a reflexão da população que busca se informar e entender como funciona as redes de apoio demandadas por essa parte da população.

3.2 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

A grande reportagem é composta de entrevistas em formato presencial. Os perfis serão compostos por três mães que tiveram filhos com microcefalia entre os anos de 2015 e 2016,

onde ocorreu o surto em Ribeirão Preto. E duas que lidam com desafios diários ao cuidar de filhos com microcefalia devido a outros fatores.

- Maíra Cristina Campos Silva: Mora em Ribeirão Preto, abdicou do seu serviço para cuidar dos filhos gêmeos, no qual um deles nasceu com microcefalia devido ao Zika Vírus e outro não;

- Thamires Juliana da Silva Ferreira: Mora em Ribeirão Preto, cuida da filha sozinha, e tenta conciliar a rotina corrida de tratamentos médicos e atividades de incentivo para a melhora do tratamento da criança;

- Meiriele Almeida Guimarães: Mora em Ribeirão Preto, leva o filho com microcefalia para fazer atividades na APAE em Ribeirão Preto;

- Carla Aparecida Alves: Mora em Ribeirão Preto, leva o filho com microcefalia para fazer atividades na APAE em Ribeirão Preto;

- Cristiane Verusca Fagundes: Mora em Ribeirão Preto, é deficiente auditiva e cuida da filha com microcefalia;

- a) Fernando Belíssimo Rodrigues – Médico Infectologista

- Foi realizada uma entrevista com um dos médicos responsáveis pelo tratamento de doenças infectocontagiosas, ele atuou no Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto durante o surto do Zika Vírus, e promoveu estudos recorrentes sobre os casos de dengue e Zika Vírus na cidade.

- b) Ana Caroline Boto de Oliveira – Psicóloga

- A fim de explicar a rotina, adaptações e estímulos que uma criança com microcefalia deve ter para melhorar e prolongar a sua vida, vamos ouvir a responsável por coordenar as equipes que atende hoje as crianças acometidas pela doença que são encaminhadas para a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais.

4 SINOPSE FINAL

Após oito anos da epidemia causada pelo *Zika Vírus*, as famílias de crianças acometidas com a microcefalia procuram respostas e explicação para o surto que atingiu a região de Ribeirão Preto, no interior paulista. É na esperança de oferecer uma vida melhor aos filhos, que as mães depositam fé em cada estímulo novo que a criança atende. Sem dados concretos e informações atualizadas sobre a doença, o surto que ocorreu em 2015 e 2016 caiu no esquecimento da população e dos órgãos públicos de saúde. Mas qual era a realidade que

antecedeu a chegada do *Zika Vírus* no Brasil? E hoje ainda há possibilidades de ocorrer um novo surto? Essas são respostas que você irá descobrir ao longo da grande reportagem.

5 ROTEIRO FINAL

Grande reportagem :	OITO ANOS APÓS A EPIDEMIA: A REALIDADE DEIXADA PELO ZIKA VÍRUS		
Equipe:	GABRIELA VIANA		
Sinopse:	<p>Após oito anos da epidemia causada pelo Zika Vírus, as famílias das crianças acometidas com a microcefalia procuram respostas e explicação para o surto que atingiu a região de Ribeirão Preto. É na esperança de oferecer uma vida melhor aos filhos, que as mães depositam fé em cada estímulo novo que a criança atende.</p> <p>Sem dados concretos e novas informações sobre o tema, o surto caiu no esquecimento da população e dos órgãos públicos. Mas qual era a realidade que antecedeu a chegada do Zika Vírus no Brasil? E hoje ainda há possibilidades de ocorrer um novo surto? Essas são respostas que você irá descobrir ao longo da reportagem.</p>		
Título:			
Tempo:	28 MINUTOS	Data:	

VÍDEO	ÁUDIO
<p style="text-align: center;">BLOCO 1</p> <p>Começar com imagens de Ribeirão Preto e de mulheres grávidas passando a mão na barriga, em seguida mostrar o nascimento de um bebe,</p>	<p style="text-align: center;">BLOCO 1</p> <p>Trilha calma e com alguns sons</p>
<p>Entrevista Carla</p>	<p>Falando sobre como foi o nascimento do filho e o diagnóstico</p>
VÍDEO	ÁUDIO
<p>Entrevista Meirieli</p>	<p>Falando sobre como foi descobrir a doença do filho</p>
<p>Off gabi</p>	<p>Introdução sobre como é a responsabilidade em montar uma família</p>
<p>Entrevista Thamires</p>	<p>Falando sobre como foi descobrir a gravidez</p>
<p>Off gabi</p>	<p>Falando sobre a realidade do Zika vírus e dando introdução na história da Maira</p>

Entrevista Maíra	Falando sobre a expectativa em ter os filhos gêmeos
Passagem Gabi	O ANO ERA 2015, ESTAVA INSTALADA A MAIOR EPIDEMIA DE DENGUE DOS ÚLTIMOS ANOS NA REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO. E POR CAUSA DA ALTA INCIDÊNCIA DO MOSQUITO AEADES AEGPTY, NOVAS DOENÇAS SURTIRAM COMO A CHICUNGUNIA E A ZICA.
Off gabi	Falando sobre o surgimento do Zika Virus e a situação dele na época
Passagem Gabi	A PRINCIPAL CAUSA DA DISSEMINAÇÃO RÁPIDA DO ZIKA VÍRUS, OCORREU EM MEIO A UM SURTO DE DENGUE, POR CAUSA DE LUGARES COMO ESSE. O EXCESSO DE LIXO NAS RUAS, A FALTA DE SANEAMENTO BÁSICO E SEM APOIO DA SAUDE PÚBLICA, A DOENÇA ATINGIU O ÁPICE. O VIRUS PASSOU A ACOMETER ENTÃO OS BEBÊS AINDA DURANTE A GESTAÇÃO,
Entrevista Thamires	Falando sobre a realidade da filha e como foi quando recebeu o diagnostico
VÍDEO	ÁUDIO

BLOCO 2	BLOCO 2
Off gabi	Falando sobre como Maira descobriu que os filhos gêmeos nasceriam com microcefalia
Entrevista Maira	Falando sobre a gravidez, diagnósticos e o nascimento dos filhos
Passagem Gabi	Contando a história da Cristiane e da Maria Teresa
Off Gabi - com imagens da rotina da Cristiane da Maria teresa	Sobre a gravidez e as sequelas de Maria Teresa
Off gabi - imagens das crianças	Sobre a realidade que o Zika Vírus deixou na vida das famílias
Sonora médico infectologista Entra arte do crânio normal e do crânio de uma criança com microcefalia	Explicando sobre a microcefalia e a realidade das crianças
Off gabi - imagens de apoio da apae	Falando sobre a importância das atividades e incentivos para as crianças

Entrevista psicóloga	Falando sobre a criação das crianças, atividades e exercícios
Off gabi	Falando sobre a microcefalia
Entrevista Carla - imagens dela com o Gabriel	Falando sobre as dificuldades que enfrenta com o filho Gabriel

VÍDEO	ÁUDIO
Bloco 3 Entrevista Meirieli	Bloco 3 Sobre as dificuldades que enfrenta na criação do filho
Off gabi -Imagens das crianças - Imagens do vírus zika	Falando sobre as dificuldades na criação e locomoção das crianças
Entrevista Thamires	Falando sobre a realidade da filha hoje

Entrevista Maira	Falando sobre a realidade dos filhos hoje
Entrevista Médico	Falando sobre a realidade das crianças com microcefalia hoje
Off gabi - imagens gerais	Introdução final sobre a realidade das famílias e sobre a doença
Entrevista Thamires	Falando sobre o preconceito das pessoas
Entrevista Maira	Falando sobre o preconceito das pessoas
Entrevista Médico Entrevista Maira Entrevista Thamires Entrevista Carla Entrevista Meirieli Imagens gerais das famílias	Volta o médico alertando sobre um possível novo surto E volta as mães falando o que os filhos significam hoje para elas Sobe trilha final com os créditos.

6 CRONOGRAMA

Atividades	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Criação do produto	X								
Entrevistas – especialistas e personagens	X	X	X						
Gravação das passagens e OFF			X	X	X				
Elaboração do relatório do produto					X				
Revisão do Relatório						X	X	X	
Edição e finalização da grande reportagem						X	X	X	
Entrega do projeto									X

7 RELATO DE PRODUÇÃO

A ideia de produzir uma grande reportagem veio com o sonho de construir uma carreira jornalística dentro do meio televisivo. Durante minha passagem pelo estágio em uma emissora de Ribeirão Preto, tive a oportunidade de conhecer e entender como funciona a produção de conteúdo dentro de um telejornal, acabei pegando gosto por essa prática e decidi que gostaria de explorá-la durante o desenvolvimento do meu trabalho de conclusão de curso.

A grande-reportagem tem como viés refletir e questionar sobre assuntos que tratam da realidade de uma determinada população, pensando nisso, optei por contar as histórias de mães de crianças que nasceram com microcefalia devido a contaminação pelo *Zika Vírus*, pois é uma situação que faz parte da rotina diária de pessoas da minha família. Desde o início sabia que não seria fácil descrever como é a realidade de uma mãe de uma criança especial, mas a vontade de repercutir esse assunto, se tornou ainda maior, ao perceber a dificuldade que a mãe da minha prima enfrenta hoje, se dedicando integralmente à criação e aos cuidados da menina.

Verusca Cristiane Fagundes, engravidou de Maria Teresa aos quarenta e um anos, ela que é deficiente auditiva, ganhou a sua segunda filha em 2016. Durante a gestação ela foi picada pelo mosquito *Aedes Aegypti* e acabou tendo o *Zika Vírus*, surpresa para a família toda, que não tinha acesso a informações sobre essa doença até aquele momento. Hoje, aos sete anos, Maria Teresa, que nasceu com microcefalia, tem diversos comprometimentos neurológicos, dependendo exclusivamente de sua mãe. O intuito em contar essa história dentro da grande reportagem é de mostrar como é difícil viver em um país como o Brasil, sendo portadora de uma doença, ainda mais quando essa realidade é tida por alguém que já enfrenta as suas próprias lutas.

Assim como outras mães, Cristiane precisou de adaptar e aprender a conviver com a rotina de olhares e gestos de julgamento, precisou enfrentar o transporte público que é precário em Ribeirão Preto, precisou abdicar de sua rotina de trabalho para proporcionar uma melhor qualidade de vida para a filha, passando a depender de auxílios governamentais, que não são suficientes para a sobrevivência de uma pessoa atualmente. Nesse sentido, contar a realidade dessas mães veio com o propósito de mudar o olhar frio e preconceituoso da sociedade para com essas famílias, trazendo voz e reivindicando o que deve ser dado por direito.

Foi um desafio pessoal e profissional seguir com esse projeto, tive acesso a histórias comoventes e trágicas que me marcaram e fizeram refletir sobre o que é a vida e o que ela espera de nós como seres humanos. Contar essas histórias vai além da vontade de conscientizar a população, o trabalho foi desenvolvido para trazer reflexão e mudanças dentro da sociedade encontrada hoje.

Além de todo ganho histórico e emocional sobre a realidade que *Zika Vírus* deixou, produzir uma grande-reportagem me proporcionou uma enorme vantagem profissional, já que consegui aprimorar os meus conhecimentos em edições de imagens pelo aplicativo Premiere, obtive maiores conhecimentos sobre câmeras fotográficas e microfones, além de alavancar meus próprios conhecimentos sobre a microcefalia, doença que atinge pessoas no mundo inteiro.

Por fim, consigo caracterizar esse trabalho como uma meta alcançada, com ele entendi sobre como é precária a saúde pública em Ribeirão Preto, e como os meios de comunicação lidam com a repercussão de casos que já foram muito noticiados. Pude entender o papel do jornalismo público dentro da sociedade e como ele é essencial para reviver e contar histórias como essas e assim tentar alterar de uma forma positiva a realidade que vivemos, a fim de alertar e prevenir para que surtos como esse não ocorram em breve.



8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho abordou a problemática envolvida no surto do vírus *Zika* na região de Ribeirão Preto, entre os anos de 2015 e 2016. Contudo, foi possível analisar que mesmo após oito anos da epidemia na cidade, as famílias atingidas pelo vírus não recebem o auxílio necessário para a efetivação de uma qualidade de vida digna, para a criação dos filhos que nasceram com sequelas.

É fato, que a por parte da Prefeitura de Ribeirão Preto não foram estabelecidas normas e organizações capazes de vigiar e fiscalizar de forma recorrente, a situação da dengue no município, negligenciando as situações futuras que contribuem para a ampliação do mosquito *Aedes Aegypti* no Brasil.

A grande-reportagem teve como enfoque evidenciar a realidade de quatro mães que cuidam dos filhos que nasceram com microcefalia devido a infecção pelo *Zika vírus*, nesse sentido, foi constatado que existe uma junção de fatores que se encontram precários e que alavancam as problemáticas enfrentadas por essas famílias, entre elas, a baixa renda que eles

recebem, já que após a maternidade e o nascimento dos filhos, foi preciso abandonar os seus empregos fixos, se dedicando integralmente aos cuidados diários das crianças. Outras questões são: a falta de educação inclusiva e transporte público para a locomoção e alfabetização dos pequenos, além da vulnerabilidade existente das mães, que não dispõem de ajuda médica psicológica para o entendimento e compreensão da situação atual e precária dos filhos, que parte de um viés de desamparo por parte do sistema de saúde que não apresenta profissionais qualificados para cuidar e diagnosticar esses bebês.

Pode-se concluir, que a disseminação do vírus na época, se deu pelo despreparo dos profissionais, que se encontravam na linha de frente do combate da dengue na cidade. A falta de informações e campanhas de conscientização impulsionaram a proliferação do *Aedes Aegypti*, fazendo com que a própria população não tivesse consciência das consequências que tal infecção poderia ocasionar em nosso território, assim o excesso de lixo nas ruas e a falta de saneamento básico fomentaram e colaboraram para a extensão do surto.

Foi possível observar, que após alguns meses do ápice da doença, entre os anos de 2015 e 2016, os recém-nascidos, pararam de apresentar sintomas e sequelas que evidenciaram o diagnóstico de microcefalia, nesse sentido, estudos e pesquisas sobre a temática pararam de ser desenvolvidos, deixando uma lacuna atemporal nas teses estudadas sobre a investigação do início do vírus no Brasil.

Deste modo, pode-se afirmar que diante dos acontecimentos que sucederam o vírus, como por exemplo a pandemia da Covid-19, a cidade de Ribeirão Preto segue sem fiscalização, conscientização e saúde pública adequada para lidar com um possível novo surto, que tem a possibilidade de ocorrer nos próximos anos, já que é constatado o aumento dos casos de dengue na região sudeste, devido à alta incidência das chuvas que ocorreram no início de 2023.

Assim, a realidade encontrada pelas famílias afetadas pelo *Zika Vírus* é de um caminho árduo e cheio de desafios, que deveriam ser revistos por parte dos órgãos públicos, tendo em vista que essa população faz parte de um minoria dentro da sociedade que se é encontrada nos dias atuais, evidenciando de forma clara o descaso e abandono sofrido por tais crianças que não usufrui do que lhe é garantido por lei e que está previsto na Constituição brasileira de 1988, como por exemplo o acesso à educação. Demandas como essas devem ser refletidas e retificadas, a fim de proporcionar além de políticas públicas uma qualidade de vida digna e adequada.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA Eliana Almeida. **Síndrome congênita do vírus da zika, microcefalia e outras alterações do neurodesenvolvimento: guia prático para profissionais da educação**. 1ª Edição. Appris Editora, 23 de abril de 2019.

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

BRITTO, Isnara Teixeira de Britto. et al. **O ser mãe de uma criança com microcefalia**. Site: Portal Atlântica Editora. Disponível em: <https://portalatlanticaeditora.com.br/index.php/fisioterapiabrasil/article/view/2859/html>. Acesso em: 29 de novembro de 2022.

BULHÕES, Camila Bulhões. et al. **Repercussões psíquicas em mães de crianças com Síndrome Congênita do Zika Vírus**. Site: SciELO - Scientific Electronic Library Online. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2019-0230>> Acesso em: 29 de novembro de 2022.

CARNEIRO, Júlia Dias Carneiro. Canal: BBC News Brasil. **Como vive a 1ª geração de bebês com microcefalia por zika**. YouTube, 12 de dezembro de 2018. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/resources/idt-sh/zika_love_stories_brasil. Acesso em: 29 de novembro de 2022.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MARQUES, Barbara Marques. et al. **Micro-histórias para pensar macropolíticas**. Fleischer Editora: Áporo Editorial, 2021, 256 páginas. Disponível em: http://dan.unb.br/images/E-Books/Micro-historias_EBOOK_vf.pdf. Acesso em: 29 de novembro de 2022.

MARTINS, Franciskely Ribeiro Martins. et al. **Repercussões emocionais em mães de crianças com microcefalia em decorrência do Zika Vírus**. Site: rsdjournal.org. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/15444/14001/201893#:~:text=De%20a%20cordo%20com%20o%20estudo,et%20al.%2C%202019>>. Acesso em: 29 de novembro de 2022.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

OLIVEIRA, Mayara Cordeiro Oliveira. et al. **Vivências de mães que tiveram filhos com microcefalia**. Site: periódicos.ufba.br. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/viewFile/26350/17303>. Acesso em: 29 de novembro de 2022.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: Manual de telejornalismo**. São Paulo: Campus, 2006.

Ribeirão: casos de dengue sobem em 2023. Tribuna Ribeirão, maio 2023. Disponível em: <https://www.tribunaribeirao.com.br/site/ribeirao-casos-de-dengue-sobem-em-2023/>. Acesso: 08 de junho de 2023.

SANTOS, Jany Santos; FARIAS, Aponira Farias. **Ser Mãe de Criança com Microcefalia: Do Ideal ao Real na Síndrome Congênita do Zika Vírus (SCZV).** Site: SciELO - Scientific Electronic Library Online. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003193951>. Acesso: 29 de novembro de 2022.

APÊNDICES

Entrevistado: Fernando Belíssimo – Médico infectologista e epidemiologista

Data: 07/08/2023

Horário: 8h

Via: Presencial

O que é a microcefalia?

A microcefalia é o nome popular que se atribuiu as crianças é que nasceram após as mães terem sido infectadas pelo vírus zika na gestação e essas crianças então tinham uma redução do perímetro cefálico uma redução do tamanho da cabeça, né posteriormente denominou-se isso síndrome congênita causada pelo vírus Zika porque percebeu-se que não era apenas uma redução do tamanho do excesso. Mas tinha várias outras alterações também alterações mais qualitativas, né essas crianças muitas delas tem calcificações caminhadas tem convulsões alterações motoras mentais e não simplesmente uma redução do tamanho da cabeça, né? A microcefalia ficou no conceito Popular, mas não científico mais adequado é síndrome da infecção congênita

Qual seria a principal ligação entre Zika vírus e a microcefalia?

O vírus Zika ele tem um tropismo especial, né? Uma atração especial pelas células do sistema nervoso e quando ele infecta o sistema nervoso de uma criança durante a gestação ele causa morte de neurônios e isso então impede que o cérebro se desenvolva normalmente, né? Então essas crianças têm a cabeça menor, não é? Porque o osso da cabeça menor é porque o cérebro é menor então o cérebro não se desenvolveu adequadamente durante a gestação porque esse cérebro foi infectado pelo vírus que afetou a mãe e afetou o feto também, né?

Agora existem fatores genéticos da criança Associados a isso, né? Nós temos casos estudados de gêmeos diferentes, né bivitelinos em que a mãe pegou Zika na gestação uma das crianças foi afetada e a outra não né? Então a gente ainda não entende muito bem isso, mas provavelmente algumas crianças são mais resistentes à infecção do que outras, né? E isso muito provavelmente se deve a fatores genéticos.

A gente pode suspeitar do problema se a mãe tiver manifestações da infecção pelo vírus Zika que cursa com febre com manchas na pele com irritação nos olhos, você já pode suspeitar, né? E aí você parte para fazer por exemplo um ultrassom pode detectar alterações características dessa infecção, porém algumas vezes a infecção na mãe. Ela é parente. A mãe

não sente sintomas nenhum mesmo assim ela pode contaminar o feto. E aí é se não for feito nenhum ultrassom, você vai ter um diagnóstico no momento do nascimento apenas.

Durante os anos de 2015 e 2016, foi quando teve a epidemia aqui em Ribeirão e na região, o senhor se lembra como começou e como que essas mães começaram a chegar aqui? Como que foi?

Eu me lembro bem é de que esse surto começou na região Nordeste do Brasil. É onde ele foi detectado pela primeira vez, né? Aliás por médicas bem alertas e que realmente suspeitaram de que algo estaria normal acontecendo. Então o primeiro contato que eu tive com a doença foi por meio da mídia, né? A gente ouviu falar da investigação desses casos. Ah na Paraíba em Pernambuco, né, mas rapidamente a doença se espalhou pro Brasil como um todo e nós aqui também tivemos casos. Não tanto quanto houve em outras regiões do Brasil, mas é eu me lembro sim de ter acompanhado a investigação de algumas gestantes e que depois vieram a se confirmar.

E como é dar o diagnóstico para uma mãe que a criança vai ter tem um certo cuidado, como explicar, existe um treinamento na prática médica?

Para o comunicado de notícias trágicas ou drásticas ou desagradáveis, né particularmente com infectologista. E vivencie com isso desde a residência quando a gente por exemplo dá um diagnóstico da infecção pelo HIV então uma pessoa uma época em que não existia tratamento como hoje, né? Assim como diagnóstico de câncer o diagnóstico de morte de um parente, né são todas as notícias desagradáveis, mas a gente passa na formação médica por um treinamento para fazer isso essa comunicação de Notícias desagradáveis ou ruim.

Olha eu acho que aqui nós já não estamos falando nós temos recursos de saúde, nós temos sim, nós temos tudo aparato necessário para cuidar da saúde dessas crianças cuidar daquelas que tem comissão é cuidar do desenvolvimento da estimulação, fisioterapia, fonoaudiologia terapia ocupacional isso nós temos o que me preocupa mais são os recursos de assistência social, né? Por que essas crianças agora já muitas adolescentes já né?

Elas representam uma carga importante para as famílias que as Albergue Então esse essa é a preocupação. Como é que essas famílias estão lidando com isso. Como é que elas estão conseguindo enfrentar? Será que elas têm? Creche. Será que elas têm cuidadores para poder? Amparar essas pessoas que vão elas ao que tudo indica, elas vão sobreviver pouco tempo, elas vão viver muito tempo, né? E isso é um é uma é uma carga de responsabilidade muito grande para as famílias e eu não sei sinceramente como tá sendo levado isso no âmbito da Assistência Social.

E a expectativa de vida?

É uma sequela da infecção então a infecção ela passa ela dá e cura, né? Mas a sequela fica e essa sequela ela você pode tratar as consequências dela como eu falei das conjunções que são uma das manifestações mais comuns.

E você estimulando a criança. Ela pode ter um desenvolvimento um pouco melhor, né? Mas as crianças mais gravemente acometidas, elas dificilmente vão ter uma vida normal, né? Tem crianças que têm acometimento mais leve e que podem inclusive ir para escola e ter uma vida quase normal, né? Existe um espectro de acometimento, mas as crianças mais graves, elas não vão ter uma vida normal, porém elas podem viver muito tempo a gente ainda não sabe quanto tempo porque isso né? É um evento recente, né na história da medicina acha que pode voltar.

Ao que tudo indica a epidemia ela se encerrou porque houve um esgotamento das pessoas suscetíveis, então o vírus eles se espalhou rapidamente pela população porque o aedes aegypti tá em todo o Brasil e transmite eficazmente esse vírus e o momento em que as pessoas ficaram imunes, elas deixaram de pegar e transmitir a doença para outros mosquitos acontece que com o passar dos anos a população vai se renovando então crianças estão nascendo essas crianças daqui 10 15 anos, elas vão poder ser vão ser adolescentes muitas jovens elas podem engravidar e ela já nasceram numa fase que o vírus não estava mais circulando. Vamos pensar assim as crianças que nasceram a partir de 2018. As crianças femininas daqui 10, 15, 20 anos muitas delas serão Mães, e elas não são imunes ao vírus. Então se a gente não fizer um controle mais efetivo do mosquito é possível e provável que o surto retorne entende. É basicamente o mais importante no controle do aedes aegypti é o saneamento básico, né? Então muito se fala a respeito dos pequenos criadouros como os potes de água de animais os vasinhos de planta embora isso seja efetivamente um criador. Ele é um criadouro de magnitude desprezível para você ter uma ideia no Estado da Flórida nos Estados Unidos tem a dizer, a Itália na Grécia, você tem Aedes que é um outro mosquito transmissor dessas doenças na função da França tem é desamoríquos na Austrália tem adesivos. Por que que esses países não têm epidemia de dengue e de zica porque eles têm um mosquito, mas uma concentração muito pequena, porque lá os criadores são só esses os vasinhos os pocinhos de água e aqui no Brasil, a gente tem uma magnitude muito maior de mosquito, porque nós temos lixo nas ruas nós temos um lixo na beira dos Corvos lixa no terreno baldio. E esses são então nós temos piscinas abandonadas, nós temos calhas entupidas esses grandes

criadores é que criam condições propícias para você ter epidemia de dengue de Zika e Chikungunya. Então é isso que nós precisamos atacar basicamente.

Atacar o problema do lixo no Brasil inteiro e o problema da falta da água na região Nordeste. Porque nessa região você tem ainda muitos locais que não têm água encanada e as pessoas armazenam água em tonéis que também são grandes criadores então basicamente esse alinhamento básico o dia que nós tivermos 100% de oferta de água encanada coleta de lixo destinação de lixo, nós não vamos acabar com os criadouros, mas nós vamos reduzir a sua população a tão baixos níveis que dengue Zika Chikungunya vão se eventos raros, né? Vai ter um caso ali um outro ali, nunca nós vamos ter epidemias como nós temos hoje, né? Quando eu digo isso eu não estou apenas culpando o poder público a gente tem que responsabilizar a população também porque não adianta nada a prefeitura fazer mutirões, como fez recentemente ao longo da Via Norte tirou lá dezenas de caminhões de lixo e na semana seguinte tá tudo novamente cheio de lixo, né? Então é preciso atuação do poder público, mas é também precisa a atuação da população colaborar com a reciclagem do lixo, não jogar caçamba em terreno baldio.

Entrevistado: Ana Carolina Bôtto de Oliveira – Psicóloga

Data: 04/08/2023

Horário: 8h

Via: Presencial

Eu sou Ana Carolina, boto de Oliveira. Eu sou psicóloga e estou com coordenadora do centro dia para crianças com microcefalia e outras deficiências é um serviço da Assistência Social dentro da instituição APAE, tá o centro de infantil, ele acompanha crianças de 0 a 12 anos que apresentam a microcefalia ou outras deficiências.

As crianças chegam para fazer o tratamento aqui, elas são encaminhadas por outros serviços da rede ou elas podem vir por Demanda espontânea também, tá? Então não precisa necessariamente de um encaminhamento.

A nossa capacidade é para 150 crianças, mas atualmente nós estamos acompanhando 80.

O centro de infantil não realiza acompanhamento terapêutico, as crianças participam de atividades lúdicas através de jogos brincadeiras músicas então elas permanecem com as cuidadoras realizando atividades lúdicas. Enquanto elas realizam essas atividades as mães e os responsáveis podem estar participando de oficinas aqui dentro do centro dia oficina de artesanato oficina de culinária aula de yoga, nós temos também grupos, né com A. Terapeuta ocupacional e com a psicóloga também que são grupos de orientação.

E qual que é a importância dessa desse auxílio?

A gente nota a gente percebe que as mães vêm muito fragilizadas, né? Então quando ela elas recebem esse diagnóstico, elas precisam também de um apoio de um acolhimento e o centro dia também está aqui para isso, né? Aqui elas encontram acolhimento orientação auto. Cuidado também, além de tudo isso elas podem ser encaminhadas para outros serviços caso elas necessitam também.

E qual é a expectativa de melhora dessas crianças com as atividades?

Eu penso e tem estudos em relação a isso que quanto antes a criança ser estimulada é melhor o desenvolvimento dela, né? Então por isso que eu sempre podia começar a atender desde bebezinho, então a gente explica isso para as mães também, né? Quanto antes elas estimularem essa criança elas brincarem interagirem cantarem ouvir em música o simples fato de interagir com essa criança. Já tá estimulando então, por isso que é muito importante e aí mais tarde elas vão colher frutos. E essa criança vai se desenvolver melhor, ela vai ter autonomia no dia a dia né?

É as cuidadoras, elas recebem orientação e capacitações?

Então nós temos uma terapeuta ocupacional e uma psicóloga então semanalmente elas trocam informações e a gente realiza grupos com essas funcionárias, né com essas cuidadoras para que para que elas também troquem experiências troca em informações porque isso é muito importante porque cada criança é única cada criança tem a sua individualidade, né? A gente separa três turmas, né, por faixa etária. Então são de 0 a 3 anos depois de 4 a 6 anos e depois de 7 a 12 anos e em cada turminha a gente realiza atividades específicas.

De acordo com a individualidade de cada um, né? De acordo com o que cada um consegue realizar de acordo com cada capacidade. Então a gente tem muito essa visão de individualidade mesmo.

Para a família esse momento de acolhimento familiar é, eu acredito que seja fundamental porque a gente além da gente pensar na criança, né? A gente precisa pensar nessa mãe nesse responsável. É a gente precisa dar esse apoio à família e o centro dia proporciona isso.

O que você diria para as mães que tem filhos especiais?

Eu falaria que é muito importante elas além delas pensarem nos filhos no desenvolvimento dos filhos é importantíssimo elas pensarem nelas.

Porque é um conjunto de fatores, né? Se elas estiverem bem elas vão conseguir cuidar melhor dos seus filhos, então elas precisam também desse autocuidado e aqui no centro dia a gente oferece isso inclusive. Nós temos vagas disponíveis essas mães podem nos procurar pessoalmente por Demanda espontânea que nós estaremos à disposição para acolá.

E tem alguma situação em específico que te marcou muito desde quando você entrou aqui?

uma coisa bem marcante um momento bem marcante foi quando eu realizei um grupo de orientação com as mães e durante esse grupo a mãe colocou que através do centro dia ela conseguiu lidar melhor no seu dia a dia com o seu filho e isso não tem preço que pague porque a gente acha muitas vezes, que a gente está fazendo pouco, né? E no nosso dia a dia dentro do nosso trabalho, mas e um acolhimento uma escuta uma orientação já faz toda a diferença na vida de uma mãe na vida de uma família. Que que precisa tanto né? E isso é marcante porque é gratificante para a gente.

Entrevistado: Carla Aparecida Alves

Data: 04/08/2023

Horário: 8h30

Via: Presencial

O Gabriel foi assim não falo que foi planejado nem nada, porque na época que eu engravidei do Gabriel. O pai dele estava preso eu acabei indo visitar o pai dele assim, o pai dele saiu Eu Descobri a gravidez do Gabriel, né? Então assim na minha gravidez a rotina era normal, né? Fazer os pré-natal todinho.

E o Gabriel assim eu falo que um pouco foi não foi planejado, né? Porque na hora que eu descobri. Eu gostei porque logo falava que logo eu queria outro porque o outro já estava com né com certa idade. Então eu queria outro para fazer e ficar de acompanhamento com o outro, né? Tipo não ficar ele sozinho.

E então foi eu tive a gravidez normal, aí quando foi fazer os pré-natal, só que assim ah minhas contração na gravidez do Gabriel, porque do meu outro eu dilatei só seis dedos e tive que fazer cesariana e do Gabriel, eu tinha sentia tudo as dor porquê do outro também eu não sentia dor nenhuma de contração, eu só sabia que era computação porque minha barriga estava endurecendo então só porque o Gabriel eu sentia as dores das contratação, só que era tudo desregulada, sabe?

Só que até então quando eu fazia o a ultrassom tudo os médicos falavam que ele estava normal que não tinha nada com ele, né? Porque cada semana eu conseguia fazer um ultrassom para ver como que ele estava então foi mesmo na hora de nascer, né que eu tive o Gabriel com 42 semanas.

E eu quando internei para induzir eu fui em consulta, já fiquei porque eu já não estava aguentando mais de dor, então, eu acabei ficando para induzir aí ele teve que induzir só que do Gabriel O meu útero não abaixou.

Né? Então eles fizeram forçar sozinha para o meu útero poder abaixar para o Gabriel poder nascer em parto normal, sendo que do outro eu tive cesariana. Então se fosse ver eu não tinha como ter parto normal, só que eles fizeram forçar. O Gabriel poder nascer parte normal. Aí foi no ônibus que o Gabriel nasceu já em sofrência, né? Caiu falta o oxigênio no cérebro. O Gabriel aspirou o mecônico e ele já teve que correr com o Gabriel.

E dali foi o procedimento, o Gabriel nasceu no dia 6 de janeiro de 2016 e dali no mesmo dia ele esteve aqui fecharam tudo. Não deixaram eu entrar para poder colocar um filme no

umbigo do meu filho para poder mandar o oxigênio para cima, porque o oxigênio não estava subindo pela cabeça do Gabriel e ali foi a luta deles conseguiu uma vaga na Neonatal, eles queriam me mandar para Sertãozinho e ele começou a luta da minha família em cima para não mandar ele para longe, porque senão não teria como tá indo todo dia ficar com o Gabriel aí tanto da minha família ficar em cima e ficar em cima, meu cunhado, tinha um parente. Acho que dentro da secretaria da saúde e meu cunhado foi conseguiu, né? Conversou ali e conseguiu pôr o Gabriel na neonatal do Santa Lúcia.

Descobri que o meu filho ia ter o problema dele porque o Gabriel ficou praticamente quase um mês entubado, né? E dali eu já saí com o Gabriel com a sonda. Hoje ele se alimenta para ele, não saiu com sonda, mas hoje o Gabriel se alimenta por sonda, né? O Gabriel faz um digital porque ele necessita para cadeira de roda. O Gabriel não anda então a minha vida assim, eu não falo que parou eu falo que parou assim numa parte porque eu não posso trabalhar porque né eu tenho que dedicar minha vida para ele, porque a vida agora é fisioterapia e médico.

Né um pouco para mim, foi um baque, mais né? A gente vai aceitando, pois, a gente vai conhecendo outras mãezinhas. Então a gente vai né, levando o dia a dia e vai aceitando que estava acontecendo não lá na Mater não depois que ele foi para o Santa Lúcia aí no Santa Lúcia caiu, o médico de lá veio me chamou aí conversou comigo. A mãe o Gabriel ele vai ser uma criança especial do oxigênio no cérebro. Então agora ele vai precisar de você aí foi na onde que eles me orientaram que eu tinha que fazer o que eu não tinha que fazer correr atrás dos benefícios que ele tinha direito aí foi tudo lá no Santa Lúcia que eles me orientaram como se fosse assim contigo em relação a isso você conseguiu ver ele.

Assim, quando eu vi meu filho daquele jeito um pouco, eu não queria aceitar, mas com um tempo eu fui aceitando, para mim foi fácil de aceitar porque eu sempre via essas crianças especial sempre falava que se Deus me desse um filho especial, ia ser meu filho do mesmo jeito, então quer dizer né? Hoje eu tenho um, quem não aceitou foi o pai, o pai nunca aceitou, até hoje o pai não aceito, ele ignora você entendeu? Porque até então ele não me ajuda com nada, mesmo com o outro também não me ajuda, né? Então assim eu falo que um pouco e, eu fui aceitando, hoje eu já aceito mais. Mas foi difícil.

E estou com um parceiro já faz cinco anos, né? Porque depois que eu larguei do pai dos meninos, eu fiquei 5 anos sozinha, e depois eu arrumei esse rapaz que eu tô agora, e assim depois que eu fui morar com esse rapaz, o meu outro não quis ir morar comigo, então o meu irmão hoje cuida.

Também na negligência nunca tiveram contato não, tiveram no começo assim que nasceu, aí tudo que acontecia com o menino. A avó por parte de pai chegou me levar até no conselho tutelar, alegando que ele vivia negligência, sabe? Acho que tipo para querer fazer uma graça, só que assim eu vivia quando o Gabriel era mais novo, hoje não, hoje deu mais uma controlada da gente viver no HC, mas quando o Gabriel saiu do hospital que foi para casa era quase todo dia, eu não conseguia limpar minha casa, então quem tinha que limpar a casa para me ajudar era ele, só que ele acordava meio-dia, uma hora da tarde. E então eu também não vou atrás. Na época que você estava grávida, foi bem a época que estava tendo surto.

Você recebeu alguma orientação médica sobre como cuidar?

Eu lembro, mas porque quando surgiu a parte da Zica eu já estava quase no finalzinho da minha gravidez, né? Eu já estava quase para ter o Gabriel então, mesmo assim eles, a médica orientava a gente né? Passar o repelente, os cuidados para a gente não pegar.

Quais foram as maiores dificuldades que você teve no começo com ele?

Eu falo assim que no dia a dia com ele para mim, foi meio difícil assim, foi na hora de andar com ele na rua e os outros ficam ah tadinho, né? Coitado, igual quando ele colocou a sonda, ele usava sonda no nariz. Então na onde você passava o pessoal, olhava e queria.

Mas assim no meu dia a dia as dificuldades mesmo era na parte de cuidar, né? Assim não, sabia como se dá primeiro, né? No começo. Eu fazia a unha aí depois que eu o tive, aí não teve como. A minha família sempre me apoiou, então não precisou de eu chegar e ninguém pedir para me ajudar.

Ai, eu vou falar para você hoje assim que ele tá bem melhor, mas tinha vez de eu não consegui fazer nada. Sabe? Eu não consegui fazer serviço porque o Gabriel ele chorava demais, eu e o Gabriel parecia que se passasse alguém na rua. parecia que eu estava batendo no Gabriel. Até uma vez eu fui quando eu larguei do pai deles que eu fui embora para casa da minha mãe foi Conselho Tutelar lá de novo, porque ligaram lá no conselho e falaram que eu estava batendo nele, mas não, era o jeito que ele chorava. Graças a Deus assim a nossa rotina dentro de casa é bem tranquilo, só assim a única coisa que como ele não senta sozinho, ele não tem apoio para sentar sozinho. Então ele cai, ele fica chamando aí a gente tem que ir lá levantar ele, colocar ele no sofá.

E como que é o tratamento dele?

Aqui na APAE a gente vem de terça, quarta e quinta, de terça e quarta a gente fica aqui no centro dia, que as cuidadoras fazem atividades com ele. De quinta eu fico aqui o dia inteiro praticamente aí à tarde, ele tem fono e fisio.

Como mãe a gente fica lá dentro da sala, fazendo atividades. Aí a gente tem a parte da psicóloga também.

Como que é em relação à sua renda?

Eu tenho só o benefício dele, porque tem muita mãe que é muito difícil conseguir, só que o dele graças a Deus assim que foi aprovado na hora, e não demorou muito não. Hoje eu falo assim que eu consigo porque além do BPC, a gente tem um auxílio fralda, né? Que antes eu pegava pela prefeitura, só que agora as meninas conseguiram para mim da entrada judicial, então agora o valor vem um pouco a mais. Então dá para comprar a fralda dele então o benefício dele dá para o dia a dia, né as coisas dele.

Então dá um pouco manter porque medicamento eu pego na saúde, né? Então eu pego pelo SUS, então só tem alguns assim que dependendo de algum medicamento que não tem no SUS. Os órgãos públicos poderiam ajudar mais, porque em questão de escola a nossas crianças é tá deixando muito a desejar.

Você entendeu? Porque igual eu falo, né? Aqui eles fazem né? A gente tem um apoio tem tudo, só que na escola igual, na escola ele frequenta a escola normal, só que não tem apoio fixa para poder ficar com ele.

Você entendeu? Então é longe a gente luta mais por conta disso, né?

Como que eu deixo na escola, porque ele estuda meio período e eu só vou lá só para passar a dieta porque ele se alimenta por sonda. Eu tenho que ficar indo lá passar a dieta dele, mas tem as meninas da sede, mas sim as meninas da sede ajudam ali as professoras, né? Não tem uma professora de apoio mesmo para poder ficar, tem muita mãe que tá na luta disso.

E a sua locomoção com ele?

A escola é na frente da minha casa, então dá para mim, eu só atravesso a rua, mas para vir na APAE a gente tem a van, tem a conduz e para em outro lugar assim quando é para ir em hospital é difícil a gente conseguir. Porque tem vez que não tem horário sabe as vagas está cheia, a gente tem que ligar praticamente duas ou três semanas antes para a gente ver se consegue a vaga se tem horário na van, para poder tá levando-nos, porque se não tem a gente tem que ir de ônibus.

Aí tem a questão do ônibus, como a gente conseguiu a van a gente perde o cartão do ônibus. Acho que isso não tinha que acontecer, né? Tinha que deixar os dois, porque igual tem hora que a gente não consegue arrumar. Tem motorista que até deixa entrar e a gente explica, mas tem motorista que não é a mãe tem que pagar.

Aí você tem que alguém te ajudar você subir ou como é uma parte só tipo cadeirante se tem um cadeirante dentro você tem que esperar para pegar o próximo. Igual ali perto da minha casa, quando eu não consigo a avó para mim poder pagar. Sei é um ônibus, só que passa ali perto da minha casa então se eu pego um pouco antes do horário que eu tenho que estar na consulta. Se eu for esperar o próximo eu perco a consulta. Tudo quando você olha vixe, eu tenho um amor nele que olha sabe. Gabriel eu movo tudo que tiver que mover.

Entrevistado: Meiriele de Almeida Guimarães

Data: 04/08/2023

Horário: 9h

Via: Presencial

Eu tenho três filhos e o Jorge foi planejado. E ele nasceu com o coração do lado direito no meio bem no meio mesmo, e ele teve sopro. Aí a gente descobriu que ele tinha a cabeça menor que as outras crianças. E os médicos falaram que poderia ser a microcefalia.

Como foi receber o diagnóstico?

Uma emoção, né. A no primeiro momento, acho que é difícil para todo mundo, né? Mas depois a gente vai se acostumando né, é o filho da gente.

E você contou para sua família? Como que foi a reação deles?

Não só eu sou casada com uma mulher, é eu e ela e meus outros filhos.

Como é a sua opinião perante o julgamento das pessoas?

Não tem nada de tadinho, né? Pode ser uma criança normal, ele não usa cadeira de roda, o autismo e a microcefalia dele não afetou em nada os movimentos dele, ele consegue andar. Ele faz acompanhamento aqui, ajuda muito ele interagir com as outras crianças, porque ele não gostava de ficar perto de ninguém, agora ele já se acostumou.

E durante o período que ele está fazendo as atividades, você fica aqui também?

A gente faz atividades, tem o apoio daqui elas ajuda bastante a gente faz pulseirinha, a gente que não trabalha, mas aprende fazer para vender.

Você comentou que você não consegue não trabalhar por conta dele e como que é a sua renda?

Eu acho que tinha que ter um benefício para gente que tem que ficar em casa cuidando das crianças, né? Tem que ter um apoio maior para gente, eu sou auxiliar de limpeza, né? Não era muito, mas era mais do que eu ganho agora.

Né? Acho que tenho que ter um auxílio para a gente que não pode trabalhar.

A gente faz tudo um pouco, ele nasceu bem próximo da pandemia. Foi durante e como que foi mais difícil e minha vida não parou né, não pode parar.

E o que o seu filho representa hoje para você?

Acho que ele é mais que tudo. Nem me vejo sem ele não.

E o que você espera assim para o futuro dele?

Espero ver ele casar trabalhar ter os filhos dele.

Em relação à questão médica você se sentiu desamparada?

Não, a pediatra dele foi bem me apoiou bastante. Tive bastante suporte.

É se você pudesse mandar um recado assim para as mães que tem crianças especiais?

É difícil, eu acho que tem que amar cada momento que a gente passa com eles, curtir um pouco mais com eles. Cada sorriso que eles dão é gratificante para a gente, quando eles falam mamãe é diferente, né? Ai, eu me sinto mais do que especial. Para sentir o que as outras mães passavam, tipo assim, eu falo assim que a gente tem mais preconceito e eu precisei de passar para quebrar os tabules, né? A gente também quando vê uma pessoa especial fala, a tadinho que não sei o que tem a gente passa aí tadinho dessa pessoa, mas não é Tadinho. Eles são normais igual a gente. Tem só a necessidade dele mesmo, né? Cada um tem a sua.

Entrevistado: Thamires Juliana da Silva Ferreira

Data: 10h

Horário: 04/08/2023

Via: Presencial

Eu estava grávida de Tainá com três meses eu tive a Zika, né? Só que eu fiz exame deu negativo, aí com 7 meses deu alteração no ultrassom que ela não tinha uma parte da cabeça aqui. Aí eles pediram outro exame, eles estavam no segundo exame que deu positivo, inclusive fazendo vários ultrassons. Aí cada vez que eu ia fazer ultrassom. Eu só chorava por causa do médico, falava que podia ser que ela não ia nem sobreviver, ia ter que fazer um monte de cirurgia na hora do meu parto. Nossa olha foi só por Deus, crio essa menina, mas graças a Deus. Ela nasceu, tinha um monte de médico na sala de parto. Ela nasceu de 39 semanas normal, nasceu com 2 kg 550 com acho que 46 cm.

E ela nasceu chorando, graças a Deus até na segunda-feira que foi minha última ultrassom no HC ela ainda não tinha essa parte da cabeça, mas aí quando foi na sessão, ela nasceu e a nossa perfeitinha, foi obra de Deus mesmo, viu?

Eu já tive uma outra gravidez, só que eu tive um aborto espontâneo, aí depois de dois anos, aí eu a tive, e eu sempre quis saber só que ela foi assim foi sem esperar, porque quando eu descobri que eu estava grávida, eu já estava de três meses, então eu fiquei muito feliz assim minha primeira filha.

E quando você recebeu a notícia você já tinha informação sobre o Zika?

Esses médicos diziam que não ia sobreviver que ela ia vir deformada um monte de coisa, então foi um baque mesmo assim para mim, né?

Acho que assim ninguém está esperando ter uma criança especial, né? Porque a gente sonha com a gravidez, né? A gente planeja tudo e aí quando a gente recebe a notícia que vai ter um filho especial, a gente fica meio assim, né? Sem rumo né?

Mas graças a Deus eu tenho uma família que me apoia bastante, minha família, melhorou muito por essa menina e eu falo porque ela é um milagre de Deus na minha vida, porque foi muita oração.

E qual foi a primeira pessoa que você foi contar?

Foi para minha mãe porque ela já ia nas consultas comigo, né? Fazer as ultrassom. Ainda mais depois que eu descobri que ela tinha microcefalia então, toda vez ela ia comigo porque eu ficava muito abalada.

E como que foi a reação dela e dos outros familiares?

Então me apoiaram bastante, minha família também e até hoje me apoia e ela adoro bem, é a primeira neta dela, é o xodó.

Você teve alguma orientação dos médicos a respeito do Zika?

Para usar repelente sim, mas mesmo assim. Não adiantou, eu usei bastante repelente sabe, fiz tudo.

E quais você diria que foi as suas principais dificuldades para lidar com a notícia do diagnóstico dela?

Eu acho que um medo de não saber lidar. Tem que passar na sua cabeça, mas não tem por que eu tinha medo, eu aceitei né? Porque eu tenho que aceitar minha filha e eu ia amar de todo jeito. Os médicos falavam muita coisa, eu sempre tive pensamento positivo, porque eu falei assim eu vou amar ela de todo jeito do jeito que ela vinha eu vou amar ela.

Assim o pai dela eu a gente se separou ela tinha 3 anos, ele já tem a mulher dele, eu só gostaria ele ajudasse de vez em quando, ele não é presente na vida dela. Ele é ausente, mas como se lembra que tem filho, né? Ele aparece de vez em quando pega um pouco já levou ela para casa dele, mas assim é raro.

E quais são as suas principais dificuldades com ela no dia a dia me fala a sua rotina?

Ah do dia a dia, mas assim por causa da inclusão, né? Que nem eu estava te falando da escola, ela vai na escola, só que ela não tem uma pessoa específica para ela não tem quem ajude ela na escola sozinha, só que ela tem duas professoras, só que ela tem seis Professores, tem duas que é a Cláudia e a Luciana são um amor de pessoa, a Cláudia pega na mãozinha dela ajuda ela a fazer a tarefa. Só que os outros não faz isso sabe então eu preciso de uma pessoa só para ela.

Na segunda a gente acorda às 6 horas da manhã, aí eu passo a dieta dela que demora uma hora correndo aí a gente se arruma, espera a van, que eu consegui levar agora, que eu também não tinha van, dependia de ônibus, eu tinha que sair da minha casa 8 horas da manhã para mim poder chegar às 9:30 lá no projeto Gabi, onde ela faz a fisio que é 50 minutos.

Aí eu saía de lá ia para Apae, olha de segunda, eu pegava seis homens com essa menina viu, pegava um daqui para o centro, do centro para o Gabi, do Gabi para o centro, do centro para a apae e daí pra casa.

Aí agora depois de muita luta consegui a van aí ela não pega aqui na minha casa me leva no gabi. Depois me pega no gabi leva na apae, aí eu fico lá no apae, de segunda das 12:30 às 4:30 que ela vai para lá.

Aí na terça ela tem a escola normal que é das 7:00 às 9:30, depois as 11:30 a van passa aqui na minha casa me leva para o centro o dia, que também é lá na apae e aí a gente fica das 10h ao meio-dia e meia até às 4:30 também na quarta, mesma coisa ela vai pra escola e vai para a apae. Aí na sexta ela vai só para escola e à tarde a gente fica em casa.

Como que é a rotina dela na escola?

Ai, ela tem bastante família lá da escola os amiguinhos dela. Graças a Deus todo mundo aceitou ela dá salinha dela, ela faz algumas atividades com o apoio da professora ela consegue fazer, tem outros que ela não consegue aí ela só fica olhando. Aí tem a professora de inglês que põe no telão. Nas atividades ela fica prestando atenção.

E você comentou que você tinha que pegar muitos ônibus para levar, como que era o transporte público?

Ai menina difícil porque o ônibus só cabe um cadeirante. Então se vier outro cadeirante no ônibus. Então já não posso subir eu tenho que esperar o próximo ai imagina a pessoa fica meia hora esperando o ônibus aí já vem um cadeirante, você tem que ficar mais meia hora num ponto esperando o outro ônibus para você conseguir chegar no seu um local que você precisaria. Sim, e muitas vezes também. O elevador está quebrado aí também. Eu tenho que esperar também e às vezes eu fico num ponto sozinha, né? Porque fico o tempo todo esperando.

Já aconteceu alguma situação assim que te marcou?

Já aconteceu bastante, já aconteceu até aqui no meu bairro de eu pegar o ônibus ali para eu ir para o centro e o elevador quebrou. Na hora de subir eu até subi só que na hora que foi para fechar o elevador não funcionou. Aí o motorista falou para mim que eu tinha que descer para pegar o outro ônibus porque ele não conseguiu sair do lugar por causa do elevador. Já aconteceu isso duas vezes comigo.

E assim tem gente que não ajuda e tem muita gente que assim às vezes a gente vai subir no ônibus, a pessoa sabe que aquele espaço do meio é para cadeirante, só que tem gente que fica lá vê a pessoa subindo com a cadeira e fica lá parado olhando pra pessoa por isso que a gente tem que ser até ignorante para a pessoa se tocar que tem que sair.

Como que você se sente em relação a isso?

Aí eu fico um pouco mal com isso sabe? Porque tem pessoas que não entende o lado da outra. Com 4 anos. Ela assim, ela sempre comeu pela boca, ela mamou no peito até seis meses e quando ela estava com quatro anos de idade deu uma pneumonia nela muito forte. E eu cheguei até que eu ia perder ela, viu? Porque ela foi internada, essa menina não melhorava

de jeito nenhum ficou 12 dias no hospital. E quando eu tive que deixar que ela foi para o CTI que ela ficou muito mal quando eu cheguei na minha casa sozinha sem ela. Nossa foi a pior coisa da minha vida. Aí logo depois ela teve covid. Esse ano inclusive igual teve covid de novo pela segunda vez? Depois teve outra pneumonia e de novo. Aí até então eu tinha tirado a sonda, né? Aí como esse ano ela teve o convite de novo pela segunda vez de novo. Aí ela voltou pela sombra. Voltou a se alimentar pela sonda. No começo eu não queria aceitar. Eu não queria aceitar agora vou fazer um ano então tá com essa sonda. Já vai fazer cirurgia e vai pôr na barriga agora aí ela já vai mês que vem passar pelo retorno. Para ver se já vai marcar, né? Porque ela ia já era para ela ter marcado, só que nos exames dela deu um pouco de anemia, aí ele estava tratando a anemia dela com o sulfato ferroso. E agora em setembro, ela vai fazer exame de novo e depois já vai ter o retorno aí. Se tiver tudo certo, já vai marcar já a cirurgia.

Como é o tratamento dela?

Então a cada três meses ela vai, então e lá é muito demorado, quando a gente vai lá a gente tem hora para chegar, mas não tem hora para sair. Ela passa no neuro, na apae também.

Em relação ao tratamento dela os médicos falam alguma coisa?

Então que nem ela tem a microcefalia e ela também tem a epilepsia. Então assim ela é uma criança que os médicos falam que pode ser que um dia ela possa andar, ela possa falar, mas que por enquanto é muito cedo ainda. ela só tem 6 anos, né?

Eu tenho fé em Deus que eu ainda vou ver ela andando viu? Falando, ela consegue, ela não fala assim explícito, mas ela solta uns sonzinhos de vez em quando, eu fico tão feliz quando ela tá soltando um sonzinho, ela sabe falar mande. Ela sabe pedir água que é agu e também, ela sabe falar o nome da vó dela que é vó.

Desse jeito essas coisinhas ela sabe falar e quando ela tá com fome que ela perde gau

E você comentou da questão das pessoas, como é isso?

Às vezes no transporte público, tem muita pessoa que fala assim nossa tadinha, o que que ela tem. Aí tipo assim a pessoa já tá vendo que a criança é cadeirante, ainda fica perguntando essas coisas. Sabe às vezes tem pessoa que não se toca às vezes. Aí eu falo assim, ai ela é especial, né? Eu ficava mal com isso quando as pessoas vinham me perguntar, mas agora eu não fico mais mal de falar disso.

Ou então assim, às vezes a pessoa não fala, né? Elas Ficam tipo assim olhando assim, olha ela não se encarando sabe? Parece até que a criança tem alguma coisa.

Eu não ligo, acho que a gente não deve ligar para essas coisas, né? A gente não tem que dar atenção para essas pessoas que faz isso.

Como é em relação a sua renda?

Antigamente quando eu morava com o pai dela eu trabalhava. Até os dois anos dela eu trabalhava, aí depois ela começou a ter muita consulta, muita consulta uma atrás da outra. Aí tive que sair do serviço porque é só eu para tudo. Vai fazer dois anos que eu comecei a receber o benefício dela. Porque até então eu recebi só o outro sempre. Aí agora que eu estou com o benefício dela, graças a Deus, viu? Pessoal, o benefício não é suficiente, porque eu pago o aluguel, né? Metade do benefício já é meu aluguel. Aí fora as outras contas, conta de luz conta de água, vai internet. Fora alimentação também, viu? Eu não conto com o pai dela eu conto com a minha mãe. O pai dela e nada é a mesma coisa.

É lá na APAE, ela faz algumas atividades? Como elas são?

Eles fazem bastante atividade com cores lá bastante objeto. Põe na mãozinha dela, faz ela sentir essas coisas, e enquanto isso nós temos atividades também, aula de yoga, de culinária. Inclusive esses dias eu fui na aula da Esfiha. Eu até fiz aqui em casa tão gostando viu? Eu estou aprendendo bastante coisa lá.

E você consegue ter um momento só para você?

Ai, quando eu estou lá apae eu consigo né? Porque eu fico junto com as mãezinhas e eu sei que minha filha tá sendo bem cuidada lá, porque lá tem muitas cuidadoras que fica com as crianças.

Você acha que aqui em Ribeirão a Prefeitura em geral deveria dar mais apoio?

Eu acho, porque para nós é tudo mais difícil, né, ônibus é difícil, nem eu te falei eu vou lá de segunda a quinta na paz, só que eu só tenho na quarta-feira. Eu não tenho van então eu troquei de ônibus. Na quarta-feira e é uma luta, aí, eles falam se você tiver você não pode ter o ônibus coletivo. Para marcar um horário lá para levar nos médicos é difícil porque nunca tem horário disponível. E também eu acho que eles tinham que ver esse lado também da escola, né? Porque faz tempo que eu tô esperando esse apoio para ela e até agora nada. E a gente sabe que na verdade a dengue sempre esteve aí, né? Você sabe que o zica é o mesmo mosquito do mosquito da dengue, no começo do ano teve muita chuva, tá tendo de novo o foco de dengue. Eu fico com medo, ainda mais ela que ela já fica assim gripada. Eu fiquei gripada. E agora depois que ela teve covid dessa última vez, essa pneumonia nunca mais ela melhorou porque eu acho que ela ficou com sintomas no pulmãozinho. Fica sempre assim gripada resfriada,

nunca melhora e vice-versa. E tudo é difícil que eu moro aqui no Parque Ribeirão, minha mãe mora lá nos Campos Elíseos, então é meio difícil para ela, né me ajudar são tudo só eu. E a sorte, é que eu encontrei uma pessoa que é meu companheiro sabe? Ele não mora comigo, meu namorado, a gente está junto faz tempo, então ele me ajuda com tudo com ela e esses dias que ela estava desse jeito ele que me ajudou ficou aqui em casa comigo e foi aí ficava uma hora ficava no meu colo estava no colo dele, porque é só assim para tentar cochilar, né? Porque não dá. Falta mais um pouco de inclusão da sociedade.

Se você pudesse mandar uma mensagem para as mães que passam pela mesma situação, o que você falaria?

Eu falaria que elas não estão sozinhas, que tem mais mães do mesmo jeito, mas tem que ficar forte e não perder a fé e procurar esses meios de ajuda, na apae ou no centro dias, ou no projeto Gabi que elas vão ser bem recebidas lá.

Se você pudesse definir ela?

O amor da minha vida.

Entrevistado: Maíra Cristina Campos Silva

Data: 01/09/2023

Horário: 8h

Via: Presencial

Tenho 25 anos, eu tenho o Igor e o Isaac, eles são portadores da microcefalia por conta do Zika vírus, eu tive eles muito nova com uns 18 para 19 anos e eu descobri a Zika, faltando assim quase um mês para nascer, na época da pandemia, na época daqueles monte de notícia que as crianças tem pouca porcentagem de vida, aí quando eu descobri um certo dia, eu acordei estava toda manchada aqui o meu peito aqui em cima, mas não tive nenhum sintoma a mais, só umas pintinhas vermelhas, muita coceira, fui no médico. Eles falaram que poderia ser a dengue. Eu cheguei lá fiz o exame da dengue, não deu. E aí eu fiz o da zika, chegou perto de quase um mês antes deles nascer e aí eu muito curiosa naquela afobação, daquelas notícias eu abri o exame e quando eu abri o exame aí tinha escrito do lado. E aí chegou, eu fui para na consulta é do HC. E aí eles falaram que poderia não ter afetado porque hoje eu estava com a gestação avançada já. E aí eles falaram que poderia não ter afetado. E aí fiz outro exame o de morfológica que é para ver a diâmetro dos ossinhos e tudo mais e estava tudo normal, não tinha nenhuma alteração no exame morfológico. E aí o que foi gestação normal, quando eles nasceram e, eu perguntei ainda se eles poderiam ser especiais, ele falou que não por causa da gestação e tudo mais e aí quando chegou para nascer aí começou a ele nasceu, o Igor foi para o berçário o Isaac foi direto para CTI assim que ele saiu de mim, ele saiu duro, ele saiu roxo, porque ele estava tendo a primeira crise convulsiva dele. E aí ele teve uma crise convulsiva muito forte que no primeiro momento, eles falaram assim que ele não iria ter mais visita. Ele subiu para a CTI. E aí ele descobriu que o CTI e passou por várias internações, aí veio os diagnósticos dele, ele ficou um mês e 20 dias internado. E aí eu soube da microcefalia. E teve várias situações, bronquiolite que toda criança tem né? E aí foi depois do tempo, o Igor teve o desenvolvimento normal, a gente fez acompanhamento com fisioterapeuta e tudo mais só que o Igor foi descartado pelo desenvolvimento dele, mas o Isaac continuou, em 2017, ele teve a primeira pneumonia decorrente por aspiração, porque eu não sabia que ele precisava usar só ele teve uma pneumonia de repetição e aí colocaram a sonda nele, o processo da sonda foi bem difícil de aceitar porque muita gente olhava, e as pessoas são maldadas não mede o olhar, não mede a fala, eu sei que a criança, muitas vezes a mãe tipo induz a criança perguntar, e foi bem difícil o processo de aceitação, né no nariz. E aí ele tirava, e eu não colocava porque eu falava que ele não precisava

disso eu. E aí depois eu aceitei, que ele fez o exame que mostrava por onde estava indo a comida e tal e aí eu vi a necessidade da sonda, foi quando ele tirava porque ele tinha ido movimento da mãozinha dele puxava. E aí eu consegui aprender e colocar, então toda vez que ele tirava eu colocava, aí depois em 2017 para muita crise de pneumonia ele pôs, ele fez a traqueo. Foi outro processo. E as crises convulsivas aumentando e a cada dia, cada crise que ele tem, ele perde um desenvolvimento que ele ganhou no dia. E aí ele em 2017, ele teve uma pneumonia muito grave. E aí teve que entubar.

A traqueo foi uma coisa que eu falava assim que ele poderia ter tudo menos ela, agora é uma coisa que na minha cabeça não aceita. E aí em 2017, ele colocou, realmente que chegou em mim falou assim, a gente vai ter que colocar, ela falou assim para mim, você aceita? por que tem muitas mães que rejeitam né? Então eles têm que conseguir a autorização.

Eu falei assim, Doutor tem outra opção? Ele falou não, falei ok, mas não assinei o termo um dia, depois ele foi para casa. Foi dia que eu mais orei na minha vida para eu não rejeitar o meu filho na questão da traqueo. Depois de mais uma hora e meia, eles me informaram que o Isaac tinha saído da cirurgia. Eu fui lá para o quarto orando, orando, orando. Eu cheguei lá e foi como se tipo nada mudou, continuava sendo o meu filho com um negocinho que foi difícil de saber cuidar, foi difícil de aceitar, mas é meu filho.

Aí em 2018, ele continuou com as crises convulsivas aumentando, ele começou com tratamento de vários remédios, quando foi em 2018, ele colocou o backup. Porque ele já não vai ele não conseguia respirar normal, morei praticamente dentro da UE para esperar. Da prefeitura tinha um monte de papel ali gente ligava todo dia a gente na esperança de que a gente ia conseguir sair de lá.

As internações foi bem tipo assim bem tá dentro do hospital já é difícil porque a gente vive um turbilhão a gente sobe outro dia tá bem, outro dia tá lá embaixo. Mas são várias histórias assim linda dentro daquele Hospital, conheço várias pessoas e a gente vê o que é a vida, né? Perdi várias pessoas amigas, crianças de pessoas amigas.

E aí com cinco meses e meio chegou o bipap. Aí fomos embora para casa, e foi mais um problema do bipap, porque ele fica ligado na tomada 24 horas, então eu não posso sair com ele hoje, que ele não consegue tipo ficar uma hora sem o bipap, mas é 24 horas, aí começou como a o oxigênio tá ligado direto no bipap.

E assim foi piorando, quase no finalzinho de 2020, ele teve diagnóstico de cuidados paliativo fase terminal, todo o procedimento é perguntar o que eu optava, o que eu não estava pelo conforto de vida, dele porque ele promove um conforto de vida dele aquile. No primeiro

momento quando eles me chamaram para fazer reunião os médicos psicólogos, etc. E aquele primeiro momento assim foi bem tenso, foi bem complicado, porque eu lá dentro do hospital solteira desde o início da gravidez, desde o meio do início da gravidez, então eu optava por receber todas as notícias que aconteciam com ele. Eu sempre optei por receber sozinha.

Por ninguém receber não precisaria chamar outro familiar, eu sempre optei por receber a notícia sozinha e aí fizeram a reunião falar a porcentagem, ele tem 90% da parte cefálica dele perdida, ele tem o lado direito paralisado, paralisia cerebral. E a diminuição da parte cefálica, né? Por conta da Zika e aí o diagnóstico dele de vida era até dois anos hoje, ele tá com sete e eu recebi a notícia que ele estava em cuidados paliativo, aquele momento no meu chão foi lá embaixo. Perdi o chão, na verdade. Mas até então a gente tem várias internações, e várias crises convulsivas. Porque ele nunca conseguiu controlar, fazer o controle das crises e ele toma entorno de sete medicamentos.

E hoje ele tá bem, temos várias internações, temos várias coisas assim, vários processos que desde então passo com ele, e hoje a gente espera que daí eu falo assim, que a gente já tem que viver um dia tipo assim, tem que viver aquele dia, eu não posso pensar, porque eu sei que amanhã ou depois ele pode ir embora, então eu tenho que viver aquele dia com ele, cada dia eu vivo aquele dia com ele.

Ai foi bem foi bem dolorido de início. Eu tentei assimilar tanto que minha mãe na época trabalhava lá no HC da limpeza. Eu falei eu vou embora para casa porque eu tinha liberdade lá porque ele estava muito tempo com enfermeiras, sempre quando eu precisava porque tinha um outro aqui em casa o Igor, então sempre quando eu pensava em vim embora aquele momento eu pensava que estava perdendo-o ali. Porque conforme eles explicam eles falam que eles não sabem, eles não podem falar o dia que ele vai embora, mas ele sabe que ele pode ir embora logo. Então quer dizer como se eu fosse perder ele na semana seguinte.

Olha de várias coisas que aconteceram com ele, eu acho que o momento mais difícil foi o recente que ele teve de internação, porque teve um ciclo né desde quando ele internou, teve a primeira parada dele, quando ele nasceu e aí depois as intervenções. Eu acho que o pior mesmo foi a última internação dele.

Porque o Isaac sempre foi uma criança que sorriu, e por mais que ele estava passando as provinhas dele, ele sempre sorriu. E aí nessa última internação, fazia um mês que ele tinha parado de sorrir e eu coloquei na minha cabeça que ele estava se entregando, tanto que a gente estava preparando o velório dele, né? Eu falei para o meu pai, que eu tenho muito assim amizade com meu pai, a gente ficou conversando. E aí eu falei assim, não ele vai embora ele se entregou.

Falei ele não vai passar, ele não vai aguentar, porque a situação que ele estava era difícil, muito debilitado, e pelas condições que os médicos falavam que ele estava ele não ia aguentar. Então para mim eu acho que esse foi o pior por estar perdendo-o e não saber o que fazer.

Eu sempre fui forte para qualquer coisa que acontecesse com ele. Desde o procedimento, sempre tentei ser forte, mas esse acontecimento que teve com ele, parece que eu fiquei manteiga derretida, então tudo que acontece eu choro.

Então foi como se estivesse no meu coração, que eu ia perder ele, que ele ia embora e eu não estava preparada, na verdade a gente não tá nunca preparada. A gente pensa que está. E aí eu falava meu pai, meu irmão, nessa hora eles ficaram muito comigo, eu falava vocês ficam forte aí, porque eu não vou ficar. E eu sabia que eu tinha que ser forte pelo outro, né? Eu falo que o Isaac é um guerreiro. Agora ele tá gordo, ele tá forte muitas coisas que aconteceram com ele serviram para eu amadurecer. Desde quando eles nasceram.

E ele veio para que eu pudesse amadurecer, mudar a perspectiva de todo mundo, porque quando a gente não tem uma pessoa especial na família, a gente vê as crianças assim com um certo receio. A gente muda. Até a forma de ver o ser humano, né?

A gente vê mundo diferente o Isaac me ensina muito, eu falo que ele veio para ensinar a gente de uma forma, ele é forte, eu acho que nenhum adulto teria a força que ele tem, tão pequenininho, mas tão forte assim.

Ele representa meu crescimento não só ele. como Igor também, porque os dois vieram para me mudar, eles representam minha força.

E como é a relação com o Igor?

É difícil, porque eu falava eu estou perdendo a infância do Igor por ter que cuidar do Isaac, não que eles sejam um fardo, jamais, mas eu não estou dividindo a atenção. Eu estou dando atenção para um e deixando de dar para o outro por conta do diagnóstico. Mas eu sabia que era pro bem dele tá ali, eu sempre tive esse essa culpa no começo. Então foi bem complicado, foi bem bem difícil mesmo no comecinho. Hoje ele entende, mas até no comecinho eu posso falar que ele entendia, porque muitas vezes quando ele estava em casa ele ia lá ele bem pequenininho. Eu tenho um vídeo até hoje, dele limpando a barriga do Isaac, ele de alguma forma entendia que o Isaac era diferente.

Ele sempre foi cuidadoso, ele sempre foi amoroso, ele fala que quando ele crescer ele vai cuidar de mim e vai cuidar do tato. Vou levar o tato para tomar banho que ele vê né que eu levo Isaac para a banheira, ele fala que vai levar o tato para tomar banho, ele fala que vai cuidar, aí ele fala que não vai deixar ninguém fazer nada.

Quais são as principais dificuldades?

Com Isaac, eu acho que a questão de locomoção, tipo tem que ir no hospital por conta dos aparelhos às vezes, tem que ter alguns cuidados, que nem se ele passa mal, ele tem muita crise de bronquite, ele fica doente.

Você não pode chegar gripado perto dele, porque ele já fica. O ato de levar para escola. Eu não posso levar então eu tenho que te depender, hoje eu pago a van, né? Para o Igor ir para a escola, talvez levar em alguma festinha, muitas vezes eu deixo de ir e deixo minha mãe levar, por que se for para sair com os dois eu tenho que ter pelo menos uma cama para deitar ele, e tipo para ele se sentir confortável, então muitas vezes não é obrigação das pessoas saber que eu tenho filho especial, saber que ele tem que guardar o espaço, né? Ainda mais em festa.

Como foi a aceitação no começo?

Eu não tinha dimensão ainda de toda a repercussão da Zika e eu pensei em não ter eles. Tanto que no começo assim foi difícil a aceitação

Hoje eu aceito, mas no início eu me sentia muito angustiado, eu pensava em falar alguma coisa para as pessoas quando elas olhavam para eles de uma forma diferente, mas eu nunca chegava a falar ou brigar, porque o olhar era maldoso, porque ele usava uma sondinha grudada e ele era novinho, e era um olhar de julgamento.

Só que não precisa ter dó porque é uma criança como qualquer outra, por mais que tenha diagnóstico, o que eles mais precisam é de amor e carinho, porque hoje em dia tem muita gente que maltrata, que não cuida.

E a mãe se sente mal pelo julgamento das pessoas. Então é não ter dó porque a primeira coisa que as pessoas falam é tadinho, que dó, nossa que pecado. Então não é isso é uma criança.

Como é em relação a renda?

Eu vivo com auxílio dele é auxílio-doença, né? E às vezes eu faço unha, eu sempre tento me virar de alguma forma, mas sempre o que eu puder fazer em casa, nada fora, mas eu vivo hoje com a renda, que não é muito ainda, do LOAS, né? O governo supre algumas coisas que são fraldas, leites, mesmo assim não é o suficiente porque tem os gastos de fora, tem uma roupa, tem o leite que às vezes nem sempre eles dão, e o leite não é barato, tem remédio que o próprio governo da, aí a gente tem que dividir a renda dele pelos dois e tem as necessidades do Igor, então é complicado.

E em relação a dengue e um possível novo surto do Zika, o que você sente?

Tenho muito medo de eventualmente eles serem picados, é que às vezes o ser humano também não facilita, né? As pessoas também não facilitam. Mas eu acho que deveria ter um cuidado

assim a mais, de passar frequente nas casas jogando veneno, mas eu acho que deveria ter uma atenção um pouco a mais. Então eu tenho medo sim de ter outro filho e ele nascer especial de novo. Ter que reviver tudo de novo, nunca foi um fardo sabe, mas eu não gostaria de viver tudo de novo.

Como é a rotina com eles?

A rotina é os cuidados com o Isaac, eu acordo às 6 horas da manhã, tem o primeiro mama, depois às 9 horas, ele acorda dou o remédio. Arrumo o Igor para escola, dou almoço, eu vou me deitar já é umas 10 horas da noite, que é o horário que o Igor já chegou, já tive tempo de cuidar deles e dar banho, então o meu dia inteiro acaba sendo para eles.

Eu já pensei em tirar uma parte do tempo para mim e não viver só para eles, mas eu falo que que não é um fardo nenhum, eu cuidar deles, que o que eu posso fazer eu faço, posso parar minha vida mil vezes para cuidar deles hoje e sempre, eu saio, é raro, porque a minha família olha, mas é difícil, ele passa mal, eles não conseguem olhar. Então sai algumas vezes é muito raro. Mas por mais que o diagnóstico seja complicado, seja difícil, a gente tem que acreditar independente da religião, a gente tem que ter fé, as coisas sempre têm um propósito. E cuidar com bastante amor, carinho, que é o que eles mais precisam, ter paciência, porque não é fácil a vida de mãe especial. Então é ter força, eles foram o que uniu minha família, eles representam muita coisa, minha mudança, que eu mudei como pessoa e como mulher, como menina. Eles representam a força e eles me dão força.

ANEXOS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, a **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO**, entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 55.983.670/0001-67, sediada na Avenida Costabile Romano, nº 2201, Ribeirão Preto, São Paulo, e a **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE**, entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 52.039.435/0001-43, sediada na Avenida Atlântica, nº 900, Guarujá, São Paulo, a utilizar **minha imagem e voz**, para fins de participação no **DOCUMENTÁRIO** desenvolvido (a) pelos alunos do **Curso de Jornalismo da UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO - UNAERP** intitulado (a) _____, a ser veiculado (a), primariamente, nos canais educativos mantidos pela **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO**, ou ainda destinados (as) à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela **UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO - UNAERP**, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem e voz, pela **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO** e pela **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE**, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, de acordo com os artigos 7º e 11º, da Lei nº 13.709/2018 (Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais);

Na condição de únicas titulares dos direitos patrimoniais de autor da série audiovisual de que trata o presente, a **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO** e a **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE** poderão dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por elas autorizados para tais fins. Para tanto, poderão, a seus únicos e exclusivos critérios, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Ribeirão Preto, 04 de Agosto de 2023.

Assinatura: ACB Oliveira

Nome: Ana Carolina Botto de Oliveira

End.: Rua Arnaldo Vicentino, 700 - Apto 813

CPF: 362 953 158 - 01

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, a **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO**, entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 55.983.670/0001-67, sediada na Avenida Costábile Romano, nº 2201, Ribeirão Preto, São Paulo, e a **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE**, entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 52.039.435/0001-43, sediada na Avenida Atlântica, nº 900, Guarujá, São Paulo, a utilizar **minha imagem e voz**, para fins de participação no **DOCUMENTÁRIO** desenvolvido (a) pelos alunos do **Curso de Jornalismo da UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO - UNAERP** intitulado (a) _____, a ser veiculado (a), primariamente, nos canais educativos mantidos pela **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO**, ou ainda destinados (as) à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela **UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO - UNAERP**, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem e voz, pela **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO** e pela **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE**, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, de acordo com os artigos 7º e 11º. da Lei nº 13.709/2018 (Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais);

Na condição de únicas titulares dos direitos patrimoniais de autor da série audiovisual de que trata o presente, a **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO** e a **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE** poderão dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por elas autorizados para tais fins. Para tanto, poderão, a seus únicos e exclusivos critérios, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Ribeirão Preto, ____ de _____ de 2023.

Assinatura: meira C. Campos Silva
 Nome: Isaque de Silva Nobre
 End.: Cruz e Souza 2523
 CPF: _____

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, a **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO**, entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 55.983.670/0001-67, sediada na Avenida Costábile Romano, nº 2201, Ribeirão Preto, São Paulo, e a **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE**, entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 52.039.435/0001-43, sediada na Avenida Atlântica, nº 900, Guarujá, São Paulo, a utilizar **minha imagem e voz**, para fins de participação no **DOCUMENTÁRIO** desenvolvido (a) pelos alunos do **Curso de Jornalismo da UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO - UNAERP** intitulado (a) _____, a ser veiculado (a), primariamente, nos canais educativos mantidos pela **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO**, ou ainda destinados (as) à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela **UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO - UNAERP**, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem e voz, pela **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO** e pela **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE**, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, de acordo com os artigos 7º e 11º da Lei nº 13.709/2018 (Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais);

Na condição de únicas titulares dos direitos patrimoniais de autor da série audiovisual de que trata o presente, a **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO** e a **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE** poderão dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por elas autorizados para tais fins. Para tanto, poderão, a seus únicos e exclusivos critérios, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Ribeirão Preto, ____ de _____ de 2023.

Assinatura: Maire C. Campos Silveira

Nome: Igor da Silva Nobre

End.: Cruz e Souza 2523

CPF: _____

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, a **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO**, entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 55.983.670/0001-67, sediada na Avenida Costábile Romano, nº 2201, Ribeirão Preto, São Paulo, e a **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE**, entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 52.039.435/0001-43, sediada na Avenida Atlântica, nº 900, Guarujá, São Paulo, a utilizar **minha imagem e voz**, para fins de participação no **DOCUMENTÁRIO** desenvolvido (a) pelos alunos do **Curso de Jornalismo da UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO - UNAERP** intitulado (a) _____, a ser veiculado (a), primariamente, nos canais educativos mantidos pela **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO**, ou ainda destinados (as) à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela **UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO - UNAERP**, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem e voz, pela **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO** e pela **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE**, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, de acordo com os artigos 7º e 11º, da Lei nº 13.709/2018 (Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais);

Na condição de únicas titulares dos direitos patrimoniais de autor da série audiovisual de que trata o presente, a **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO** e a **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE** poderão dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por elas autorizados para tais fins. Para tanto, poderão, a seus únicos e exclusivos critérios, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Ribeirão Preto, ____ de _____ de 2023.

Assinatura: _____

Nome: João Antonio Guimarães

End.: _____

CPF: _____

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, a **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO**, entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 55.983.670/0001-67, sediada na Avenida Costábile Romano, nº 2201, Ribeirão Preto, São Paulo, e a **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE**, entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 52.039.435/0001-43, sediada na Avenida Atlântica, nº 900, Guarujá, São Paulo, a utilizar **minha imagem e voz**, para fins de participação no **DOCUMENTÁRIO** desenvolvido (a) pelos alunos do **Curso de Jornalismo da UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO - UNAERP** intitulado (a) _____, a ser veiculado (a), primariamente, nos canais educativos mantidos pela **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO**, ou ainda destinados (as) à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela **UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO - UNAERP**, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem e voz, pela **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO** e pela **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE**, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, de acordo com os artigos 7º e 11º da Lei nº 13.709/2018 (Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais);

Na condição de únicas titulares dos direitos patrimoniais de autor da série audiovisual de que trata o presente, a **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO** e a **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE** poderão dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por elas autorizados para tais fins. Para tanto, poderão, a seus únicos e exclusivos critérios, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Ribeirão Preto, 20 de 07 de 2023.

Assinatura: miranda de a. junqueira

Nome: _____

End.: _____

CPF: 405.507.9213

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, a **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO**, entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 55.983.670/0001-67, sediada na Avenida Costábile Romano, nº 2201, Ribeirão Preto, São Paulo, e a **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE**, entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 52.039.435/0001-43, sediada na Avenida Atlântica, nº 900, Guarujá, São Paulo, a utilizar **minha imagem e voz**, para fins de participação no **DOCUMENTÁRIO** desenvolvido (a) pelos alunos do **Curso de Jornalismo da UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO - UNAERP** intitulado (a) Carla Leveido CHS, a ser veiculado (a), primariamente, nos canais educativos mantidos pela **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO**, ou ainda destinados (as) à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela **UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO - UNAERP**, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem e voz, pela **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO** e pela **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE**, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, de acordo com os artigos 7º e 11º. da Lei nº 13.709/2018 (Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais);

Na condição de únicas titulares dos direitos patrimoniais de autor da série audiovisual de que trata o presente, a **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO** e a **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE** poderão dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por elas autorizados para tais fins. Para tanto, poderão, a seus únicos e exclusivos critérios, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Ribeirão Preto, 20 de julho de 2023.

Assinatura: Carla Leveido CHS

Nome: Carla Leveido CHS

End.: Ruiz mailli 322

CPF: 354.694.828/98

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, a **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO**, entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 55.983.670/0001-67, sediada na Avenida Costabile Romano, nº 2201, Ribeirão Preto, São Paulo, e a **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE**, entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 52.039.435/0001-43, sediada na Avenida Atlântica, nº 900, Guarujá, São Paulo, a utilizar **minha imagem e voz**, para fins de participação no **DOCUMENTÁRIO** desenvolvido (a) pelos alunos do **Curso de Jornalismo da UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO - UNAERP** intitulado (a) _____, a ser veiculado (a), primariamente, nos canais educativos mantidos pela **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO**, ou ainda destinados (as) à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela **UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO - UNAERP**, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem e voz, pela **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO** e pela **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE**, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, de acordo com os artigos 7º e 11º. da Lei nº 13.709/2018 (Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais);

Na condição de únicas titulares dos direitos patrimoniais de autor da série audiovisual de que trata o presente, a **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO** e a **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE** poderão dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por elas autorizados para tais fins. Para tanto, poderão, a seus únicos e exclusivos critérios, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Ribeirão Preto, 07 de Agosto de 2023.

Assinatura: Fernando B. Rodrigues
 Nome: Fernando B. Rodrigues
 End.: Av. Bandeirantes 3900
 CPF: 183.303.848-70

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, a **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO**, entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 55.983.670/0001-67, sediada na Avenida Costábile Romano, nº 2201, Ribeirão Preto, São Paulo, e a **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE**, entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 52.039.435/0001-43, sediada na Avenida Atlântica, nº 900, Guarujá, São Paulo, a utilizar **minha imagem e voz**, para fins de participação no **DOCUMENTÁRIO** desenvolvido (a) pelos alunos do **Curso de Jornalismo da UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO - UNAERP** intitulado (a) _____, a ser veiculado (a), primariamente, nos canais educativos mantidos pela **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO**, ou ainda destinados (as) à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela **UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO - UNAERP**, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem e voz, pela **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO** e pela **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE**, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, de acordo com os artigos 7º e 11º. da Lei nº 13.709/2018 (Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais);

Na condição de únicas titulares dos direitos patrimoniais de autor da série audiovisual de que trata o presente, a **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO** e a **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE** poderão dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por elas autorizados para tais fins. Para tanto, poderão, a seus únicos e exclusivos critérios, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Ribeirão Preto, 20 de Julho de 2023.

Assinatura: Paulo Sp. Alves

Nome: Gabriel Henrique Alves dos

End.: Luiz Marcell 322

CPF: 354.684.828/98

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, a **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO**, entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 55.983.670/0001-67, sediada na Avenida Costabile Romano, nº 2201, Ribeirão Preto, São Paulo, e a **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE**, entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 52.039.435/0001-43, sediada na Avenida Atlântica, nº 900, Guarujá, São Paulo, a utilizar **minha imagem e voz**, para fins de participação no **DOCUMENTÁRIO** desenvolvido (a) pelos alunos do **Curso de Jornalismo da UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO - UNAERP** intitulado (a) _____, a ser veiculado (a), primariamente, nos canais educativos mantidos pela **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO**, ou ainda destinados (as) à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela **UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO - UNAERP**, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem e voz, pela **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO** e pela **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE**, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, de acordo com os artigos 7º e 11º. da Lei nº 13.709/2018 (Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais);

Na condição de únicas titulares dos direitos patrimoniais de autor da série audiovisual de que trata o presente, a **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO** e a **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE** poderão dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por elas autorizados para tais fins. Para tanto, poderão, a seus únicos e exclusivos critérios, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Ribeirão Preto, _____ de _____ de 2023.

Assinatura: _____

Nome: Márcia Carolina Meneses Ushirobira

End.: Aldo Focari nº 380 - Ap 132

CPF: 159.933.598-03

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, a **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO**, entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 55.983.670/0001-67, sediada na Avenida Costabile Romano, nº 2201, Ribeirão Preto, São Paulo, e a **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE**, entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 52.039.435/0001-43, sediada na Avenida Atlântica, nº 900, Guarujá, São Paulo, a utilizar **minha imagem e voz**, para fins de participação no **DOCUMENTÁRIO** desenvolvido (a) pelos alunos do **Curso de Jornalismo da UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO - UNAERP** intitulado (a) _____, a ser veiculado (a), primariamente, nos canais educativos mantidos pela **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO**, ou ainda destinados (as) à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela **UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO - UNAERP**, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem e voz, pela **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO** e pela **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE**, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, de acordo com os artigos 7º e 11º. da Lei nº 13.709/2018 (Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais);

Na condição de únicas titulares dos direitos patrimoniais de autor da série audiovisual de que trata o presente, a **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO** e a **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE** poderão dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por elas autorizados para tais fins. Para tanto, poderão, a seus únicos e exclusivos critérios, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Ribeirão Preto, ____ de _____ de 2023.

Assinatura: Thamias F.
 Nome: Thamias Gabrieli Ferraz da S.
 End.: _____
 CPF: _____

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, **eu**, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, a **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO**, entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 55.983.670/0001-67, sediada na Avenida Costábile Romano, nº 2201, Ribeirão Preto, São Paulo, e a **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE**, entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 52.039.435/0001-43, sediada na Avenida Atlântica, nº 900, Guarujá, São Paulo, a utilizar **minha imagem e voz**, para fins de participação no **DOCUMENTÁRIO** desenvolvido (a) pelos alunos do **Curso de Jornalismo da UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO - UNAERP** intitulado (a) _____, a ser veiculado (a), primariamente, nos canais educativos mantidos pela **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO**, ou ainda destinados (as) à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela **UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO - UNAERP**, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem e voz, pela **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO** e pela **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE**, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, de acordo com os artigos 7º e 11º. da Lei nº 13.709/2018 (Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais);

Na condição de únicas titulares dos direitos patrimoniais de autor da série audiovisual de que trata o presente, a **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO** e a **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE** poderão dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por elas autorizados para tais fins. Para tanto, poderão, a seus únicos e exclusivos critérios, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Ribeirão Preto, ____ de _____ de 2023.

Assinatura: maria C. Campos Bilo

Nome: maria Cristina Campos Bilo

End.: Cruz e Souza 2521

CPF: 440.247.528-71

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, a **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO**, entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 55.983.670/0001-67, sediada na Avenida Costábile Romano, nº 2201, Ribeirão Preto, São Paulo, e a **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE**, entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 52.039.435/0001-43, sediada na Avenida Atlântica, nº 900, Guarujá, São Paulo, a utilizar **minha imagem e voz**, para fins de participação no **DOCUMENTÁRIO** desenvolvido (a) pelos alunos do **Curso de Jornalismo da UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO - UNAERP** intitulado (a) _____, a ser veiculado (a), primariamente, nos canais educativos mantidos pela **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO**, ou ainda destinados (as) à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela **UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO - UNAERP**, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem e voz, pela **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO** e pela **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE**, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, de acordo com os artigos 7º e 11º. da Lei nº 13.709/2018 (Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais);

Na condição de únicas titulares dos direitos patrimoniais de autor da série audiovisual de que trata o presente, a **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO** e a **FUNDAÇÃO FERNANDO EDUARDO LEE** poderão dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por elas autorizados para tais fins. Para tanto, poderão, a seus únicos e exclusivos critérios, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Ribeirão Preto, ____ de _____ de 2023.

Assinatura: Thamires G. da S. Ferreira

Nome: _____

End.: Alonso Guimarães 1694

CPF: 466.242.918-61



TERMO DE CESSÃO

Pelo presente instrumento particular, a Srta. Ana Gabriela Viana Adriani, portadora do RG.: **54.980.700-7**, Operadora de Caracteres, recebe da EPTV Ribeirão, Empresa Paulista de Televisão S/A, sediada à Rua Javari, 3099, nesta cidade, inscrita no CNPJ sob o n.º 46.242.004/0002-68, Inscrição Estadual n.º 582.324.004-110, uma cópia da seleção de imagens:

- Drone balão novo shopping- 19 de maio de 2016
- Drone nove de julho - 7 de setembro de 2022
- Drone zona norte - 11 de agosto de 2021
- Dengue mosquito dengue - 28 de março de 2016
- Dengue aedes- 28 de março de 2016
- Mochilink repercute dengue - 17 de abril de 2019
- Prédio dengue - 15 de março de 2016

Estas imagens destinam - se exclusivamente à exibição em circuito fechado, para fins de acadêmicos, sem cobrança de ingresso, não podendo ser compartilhadas por qualquer meio de comunicação em massa, incluindo redes sociais, ou utilizadas para fim distinto daquele objeto da seguinte cessão, em caráter de exceção está autorizado vincular no Youtube, no canal oficial da Universidade de Ribeirão Preto, com os devidos créditos, ficando claro que, em caso de utilização distinta da prevista no presente instrumento, responde por todos os direitos autorais e conexos daí decorrentes, inclusive o moral de que trata a lei de proteção à obra intelectual.

Ribeirão Preto, 23 de Novembro de 2023.

ana.adriani@eptr.com.br

Assinado

 D4Sign

Srta. Ana Gabriela Viana
 Operadora de Caracteres EPTV

monica.barbosa@eptr.com.br

Assinado

 D4Sign

camila.oliveira@eptr.com.br

Assinado

 D4Sign

CAMILA SANTOS DE OLIVEIRA
 Coordenadora Acervo-Rede

EPTV Campinas
 Rua Regina Nogueira, 120
 13045-900 Campinas - SP
 Tel. (19) 3776-6400
 Fax (19) 3776-6416

EPTV Ribeirão
 Rua Javari, 3099
 14060-683 Ribeirão Preto - SP
 Tel. (16) 3601-3400
 Fax (16) 3601-3416

EPTV Central
 Rua Manoel Luchesi, 45
 13575-360 São Carlos - SP
 Tel. (16) 3363-6400
 Fax (16) 3363-6422

EPTV Sul de Minas
 Rua Profª Helena Reis, 81
 31006-000 Viçosa - MG
 Tel. (35) 2106-6400
 Fax (35) 2106-6416

D4Sign 02250420-2f1b-45bb-b495-ba105de03055 - Para confirmar as assinaturas acesse <https://secure.d4sign.com.br/verificar>
 Documento assinado eletronicamente, conforme MP 2.200-2/01, Art. 10º, §2.



3 páginas - Dados e horários baseados em Brasília, Brasil
Sincronizado com o NTP.br e Observatório Nacional (ON)
 Certificado de assinaturas gerado em 04 de December de 2023,
 19:14:39



TERMO DE CESSÃO RIBEIRAO - Gabriela Viana TCC pdf

Código do documento f8350420-2f1b-45bd-b4b5-ba109de03015



Assinaturas



Mônica Barbosa
 monica.barbosa@eptv.com.br
 Assinou



Ana Gabriela Viana Adriani
 ana.adriani@eptv.com.br
 Assinou



CAMILA SANTOS DE OLIVEIRA
 camila.oliveira@eptv.com.br
 Assinou como testemunha

Mônica Barbosa



CAMILA SANTOS DE OLIVEIRA

Eventos do documento

04 Dec 2023, 10:50:15
 Documento f8350420-2f1b-45bd-b4b5-ba109de03015 **criado** por CAMILA SANTOS DE OLIVEIRA (5c304819-b4c1-4cd7-9e4c-7d77177d63ab). Email: camila.oliveira@eptv.com.br. - DATE_ATOM: 2023-12-04T10:50:15-03:00

04 Dec 2023, 10:53:40
 Assinaturas **iniciadas** por CAMILA SANTOS DE OLIVEIRA (5c304819-b4c1-4cd7-9e4c-7d77177d63ab). Email: camila.oliveira@eptv.com.br. - DATE_ATOM: 2023-12-04T10:53:40-03:00

04 Dec 2023, 10:55:17
 CAMILA SANTOS DE OLIVEIRA **Assinou como testemunha** (5c304819-b4c1-4cd7-9e4c-7d77177d63ab) - Email: camila.oliveira@eptv.com.br - IP: 200.146.225.161 (200-146-225-161.xf-static.ctbcnetsuper.com.br porta: 25790) - **Geolocalização:** -21.1533265 -47.84245 - Documento de identificação informado: 363.696.928-59 - DATE_ATOM: 2023-12-04T10:55:17-03:00

04 Dec 2023, 10:56:08
 ANA GABRIELA VIANA ADRIANI **Assinou** - Email: ana.adriani@eptv.com.br - IP: 131.100.166.68 (131-100-166-68.nexnett.com.br porta: 52148) - **Geolocalização:** -21.20069821077022 -47.84417410043394 - Documento de identificação informado: 435.522.758-86 - DATE_ATOM: 2023-12-04T10:56:08-03:00

04 Dec 2023, 14:08:56
 MÔNICA BARBOSA **Assinou** (dd0ec40b-32bf-4539-9c0c-dc7eeaf78576) - Email: monica.barbosa@eptv.com.br - IP: 200.146.225.161 (200-146-225-161.xf-static.ctbcnetsuper.com.br porta: 58078) - Documento de identificação informado: 098.786.698-23 - DATE_ATOM: 2023-12-04T14:08:56-03:00